

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA**

**GEORGE VERGÉS MARTINES**

**ASPECTOS SEMÂNTICOS DOS NOMES CLASSIFICADOS  
EM MUNDURUKU**

São Paulo  
2007

George Vergés Martines	Aspectos Semânticos dos Nomes Classificados em Munduruku		MESTRADO FFLCH/USP 2007
------------------------------	---	--	-------------------------------

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA**

**ASPECTOS SEMÂNTICOS DOS NOMES CLASSIFICADOS  
EM MUNDURUKU**

George Vergés Martines

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito parcial e último para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto

São Paulo  
2007

Para meu pai José,  
pela inspiração

Para Dilma,  
Pela paciência, apoio e amor  
indispensáveis.

Para os Munduruku,  
pela amizade, boa vontade e  
resistência.

## AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas contribuíram, de alguma forma, com a produção deste trabalho e acredito piamente que sem essas parcelas de apoio, dificilmente obteria os mesmos resultados alcançados. Às que não estão citadas nominalmente na relação abaixo, minhas escusas, acompanhadas dos mais sinceros agradecimentos.

- Aos professores das disciplinas cursadas na FFCL-USP, Dr. Mário Viaro, Dra. Margarida Petter e Dr. Didier Demolin, agradeço a oportunidade e o privilégio de ter sido aluno nas brilhantes disciplinas por eles ministradas, contribuindo enormemente para minha formação profissional e recebendo seus preciosos ensinamentos e orientação acadêmica.
- Agradeço o apoio financeiro concedido sob título de Bolsa Mestrado pela Cenp, Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, pelo projeto de aperfeiçoamento dos professores da rede pública de ensino estadual.
- À Fundação Nacional do Índio – FUNAI, por permitir a entrada em terras indígenas.
- Muito agradeço ao meu orientador, professor Dr. Waldemar Ferreira Netto que com sua incansável paciência, dedicação e sensibilidade, soube incentivar e direcionar, sempre confiando na minha capacidade de levar adiante o projeto. Seu apoio e respaldo científico constantes foram pontos fundamentais no sucesso de meu intento.
- À Dami Glades, colega de curso, a quem recorri quando da montagem do projeto de qualificação.

- Dedico carinhosamente essa dissertação à minha esposa, Dilma, que encontrei no coração da Amazônia. Companheira amorosa, amiga, sincera, carinhosa, cúmplice de todos os instantes, até mesmo nas pesquisas de campo, vivendo assim todas as fases deste trabalho. Seu apoio e compreensão irrestritos foram terminantes em meu sucesso.
- Aos meus filhos, Magali, Yuri, Sandro, Yasmin e Brendo, pois cada um, particularmente, me deu razões para viver.
- Gostaria de agradecer também aos professores avaliadores de meu exame de qualificação pelos excelentes comentários e sugestões que fizeram, os quais enriqueceram sobremaneira este trabalho.
- Não poderia deixar de agradecer a todos os meus amigos e companheiros de trabalho da EE “Monsenhor Venerando Nalini” de Jundiáí, e especialmente à Mariazinha, à Mazé, à Emília, à Cláudia, ao Belini, ao Eli, ao Paulo e , com especial carinho à Luzia, que tanto me incentivaram e por inúmeras vezes compartilharam de minhas felicidades e aflições no transcorrer da produção deste trabalho.
- A todos os Mundurucus que me acolheram em suas aldeias e àqueles que me acolheram em suas casas. Agradeço imensamente ao chefe Amâncio, da aldeia “Praia do Manguê”, pelos frutíferos ensinamentos e pela imensa paciência dispensada a mim. Agradeço também ao chefe Leonardo da aldeia “Taquara”, pela calorosa acolhida e pela interessante demonstração de suas tradições. Muitas saudades deixaram.
- A homenagem maior, eu faço ao meu saudoso pai, José, que tanto me incentivou para a vida acadêmica e que agora tão satisfeito estaria de ver esta realização. Embora partindo um pouco mais cedo, não dando tempo de vê-la, este feito é um presente para ele.

*“Lo que no tiene secretos no tiene encantos...*

*¡Y era tan grande su secreto!”*

(José Vergés Soler, meu pai)

## RESUMO

Este trabalho apresenta os estudos realizados de alguns aspectos semânticos da língua Munduruku (do tronco lingüístico Tupi), falada por mais de 7500 índios da nação conhecida pelo mesmo nome, que estão distribuídos por cerca de noventa aldeias no Pará, Amazonas e Mato Grosso. Este trabalho circunscreveu-se ao grupo pertencente à aldeia Munduruku “Praia do Mangue”, no oeste do Pará.

Após uma sucinta apresentação do povo, parte-se para uma breve descrição morfossintática da língua, onde deparamos com o tema principal dessa dissertação: os classificadores nominais. Nesta língua, os substantivos são acrescidos de afixos nominais, que possuem a função de estabelecer uma relação associativa entre o nome e seu referente espacial.

Neste trabalho busca-se provar que os classificadores geram significado através da carga semântica que possuem e, para poder chegar a esses resultados, revisamos as teorias da motivação ou arbitrariedade do signo lingüístico, a metáfora e suas peculiaridades, a metonímia com suas relações e a possível migração de uma estrutura metafórica existente para uma metonímica.

O fundamento principal dessa dissertação é a propositura de Ullmann (1962/1977) de que, em todas as línguas, palavras surgem das relações associativas que o falante tece em sua mente, estabelecendo um vínculo metafórico entre referente e referido. Tipo de relações que, nesta dissertação, transportamos para os afixos classificadores da língua Munduruku. Aplicando-se tais teorias aos classificadores usados nesta língua, consegue-se provar o fundo semântico inserido nos afixos e mais; a migração de um classificador de origem metafórica para uma metonímia.



## ABSTRACT

This dissertation presents studies accomplished regarding some semantic aspects of the language Munduruku (Tupi language of the Munduruku family) spoken by over 7500 individuals of the homonymous nation.

These people are spread around ninety villages situated in the states of Pará, Amazonas and also Mato Grosso. The developed research is restricted to the Munduruku indigenous village “Praia do Mangue” in western of Pará.

After a succinct presentation of the Munduruku nation, we approach some aspects morphological and syntatics of the language. Finally, the subject matter involved in this dissertation: The nominal classifiers.

In this language nouns are added with nominal affixes with the function to establish an associative relation between the noun and its spatial referent.

In this work, we tried to demonstrate that classifiers generate meaning trough their semantic contents. To reach these results we checked the theory of motivation, the arbitrariness of the linguistics signs, the metaphor and its particularities, the metonymy and its relationship, as well as the posible migration fom a metaphorical structure to a metonymy.

The theoretical fundaments adopted here are the Ullmann’s propositions that says that in several languages, words become from the associative relationship that the speaker accomplish in his mind establishing a metaphorical bond between referring and referred. This kind of relationship we transported to the Munduruku language and its classifier affix. Applying these theories to the classifiers used in the Munduruku language, we can to prove the semantic properties inserted in the affixes, and more: the migration from metaphorical classifiers to another figure to speech; the metonymy.

## SUMÁRIO

Agradecimentos .....	5
Resumo .....	8
Abstract.....	9
Sumário .....	10
Lista de quadros e diagramas .....	11
Lista de imagens e mapas .....	11
Introdução .....	12
1. – Uma Língua Tupi: O Munduruku .....	13
2. – Falando do Povo Munduruku: Aspectos Históricos e Etnográficos .....	16
2.1 – O Povo .....	16
2.2 – População Atual e Localização .....	20
2.3 – A Pesquisa em Campo .....	22
2.4 – A Língua .....	25
2.4.1 – Língua Classificadora de Concordância .....	26
2.4.2 – Uma Língua Tonal .....	27
2.4.3 – Estrutura Oracional .....	28
2.4.4 – Transcrição Fonêmica .....	34
3. – Pressupostos Teóricos .....	35
3.1 – Significante e Significado .....	35
3.2 – A Enunciação .....	36
3.3 – A Arbitrariade do Signo Lingüístico .....	37
3.4 – Palavras Opacas .....	40
3.5 – Palavras Transparentes .....	41
3.6 – Metáfora e Metonímia .....	45
3.6.1 – A Metáfora .....	45
3.6.2 – A Metonímia .....	50
4. – O Caso dos Classificadores em Munduruku .....	52
4.1 – Os Nomes .....	52
4.2 – Os Classificadores .....	53
4.3 – Vários Classificadores Para um Mesmo Substantivo .....	64
5. – A Metáfora e o Munduruku .....	65
6. – A Metonímia e o Munduruku .....	73
7. – Nomes Resultantes de Empréstimos .....	76
8. – Outra Língua Indígena Classificadora: O Kanoê .....	77
9. – Uma Língua Classificadora Africana: O Kimbundu .....	79
10. – Considerações Finais .....	84
11. – Bibliografia Consultada .....	86

## LISTA DE QUADROS E DIAGRAMAS

Quadro 1:	Famílias e troncos lingüísticos dos povos indígenas brasileiros .	14
Quadro 2:	Estrutura oracional em Munduruku .....	28
Quadro 3:	Transcrição fonêmica do Munduruku .....	34
Quadro 4:	Localização lingüística da língua africana Quimbundu .....	80
Quadro 5:	Relação dos classificadores nominais em Kimbundu .....	81

## LISTA DE IMAGENS E MAPAS

Imagem 1:	Chefe Munduruku em aquarela de Hercules Florence .....	18
Imagem 2:	Momento atual na aldeia “Praia do Mangue” .....	19
Mapa 1:	Localização das duas aldeias Munduruku .....	24

## INTRODUÇÃO

Uma das riquezas mais importantes de uma nação é o mosaico de raças, línguas, costumes e tradições formadoras de seu legado sócio-cultural. Essa pluralidade, porém, pode agir de forma “autofágica”, ou seja, a própria grande diversidade é geradora de perdas quase sempre gravíssimas por parte dessas culturas, principalmente as minoritárias. A inter-relação cultural deflagra certo processo de absorção e homogeneização que desgraçadamente acaba pesando o fiel para as culturas dominantes. É o caso de muitos povos indígenas que estão deixando suas tradições para aprender os costumes do “branco”. Fascinados com as novidades da cidade, se afastam dessas tradições para se unificarem ao comportamento da massa urbana. Felizmente esse quadro principia a se modificar, pois já existem alguns grupos indígenas que começam a perceber o real perigo que seu legado cultural está correndo. Apoiados pelo crescente interesse acadêmico aos temas indígenas, começa-se a vislumbrar uma “luz no fim do túnel”. Pesquisar, entender e preservar a diversidade sócio-cultural indígena brasileira, apesar de ser uma empreitada de difícil realização, é de suma importância para preservar o cabedal que mais genuinamente brasileiro é.

Base de toda cultura, a língua é o principal sustentáculo da história, dos costumes e até da união de um povo. Manter sua língua viva é manter a saúde intelectual desse povo. É base de suas tradições orais, das formas artísticas, da perpetuação de seus conhecimentos, de suas perspectivas cosmológicas e ontológicas.

Pesquisar uma língua é “garimpar” elementos valiosos singulares a essa cultura; e, nessa singularidade, revelam-se facetas surpreendentes da potencialidade cultural do ser humano.

## **1. UMA LÍNGUA TUPI: O MUNDURUKU**

Nessa perspectiva, este trabalho estuda alguns aspectos muito interessantes de uma língua indígena brasileira que compõe, junto com muitas outras, o tronco Tupi: o Munduruku. Língua falada por mais de sete mil e quinhentos índios que vivem em aproximadamente 90 aldeias, distribuídas pelo território brasileiro.

Temos, no quadro 1, a localização da língua Munduruku entre as muitas famílias e troncos falados pelos 460 mil índios distribuídos em 225 sociedades, segundo dados da Funai:

REGIÃO	TRONCO	FAMÍLIA	LÍNGUA
BRASIL	MACRO-JÊ	Bororo	2 línguas
		Krenák	Krenák
		Guató	Guató
		Jê	8 línguas / 22 dialetos
		Karajá	3 línguas
		Maxakali	3 línguas
		Ofayé	Ofayé
		Rikbastzá	Rikbastzá
	Yatê	Yatê	
	TUPI	Tupi-Guarani	21 línguas/15 dialetos
		Arikém	Karitiana
		Aweti	Aweti
		Juruna	2 línguas
		Mawé	Saterê-Maué
		Mondé	6 línguas
		Puroborá	Puroborá
		MUNDURUKU	Kuruayá MUNDURUKU
		Ramarama	Karo (Arara)
		Tuparí	5 línguas
	OUTROS TRONCOS E FAMÍLIAS	Aykaná	2 línguas
		Arawá	8 línguas
		Arúak	16 línguas / 3 dialetos
		Guaicuru	Kadiwéu
		Iránxe	Iránxe
		Jabutí	2 línguas
		Kanoê	Kanoê
		Karib	20 línguas
		katukina	4 línguas
		Koazá	Koazá
		Máku	Máku
		Makú	6 línguas
		Mura	2 línguas
		Nambikuára	3 línguas / 9 dialetos
Pano		2 línguas	
Trumái	Trumái		
Tikúna	Tikúna		
Tukano	11 línguas		
Txapakúra	4 línguas		
Yanomami	4 línguas		

Quadro 1: Famílias e troncos lingüísticos dos povos indígenas brasileiros

Essa língua possui um traço marcante que imediatamente desperta a atenção dos lingüistas: a divisão dos substantivos em classes nominais que, ao contrário das declinações latinas (por exemplo), não se limitam a agrupar gramaticalmente as palavras. Dão “corpo físico” à gramática estabelecendo, através de afixos classificadores, uma relação associativa entre os mesmos e a forma espacial do objeto definido, levando a uma verdadeira divisão racional ao indicar a perspectiva da realidade do falante e de onde o designado se situa nela.

Para entender este fenômeno, o presente trabalho está baseado, entre outras, na teoria de Stephen Ullmann (1962/1977), onde afirma que, em muitas línguas, palavras surgem das relações associativas que o falante tece em sua mente, estabelecendo uma espécie de vínculo metafórico entre elementos icásticos comuns na visão do ser humano. Isso se reflete de forma positiva no léxico disponível ao usuário de uma língua, pois é uma forma simples e objetiva de estabelecer significado, ou, pelo menos parte dele, a um termo.

Em certos casos, essas relações icásticas transformam-se em paradigmas icônicos que, pela visão de mundo do falante, estabelecem padrões espaciais expressos por nomenclaturas específicas que, no caso, são elementos classificadores (raízes) a serem afixados aos nomes. Esse é o caso da língua Munduruku, pois possui um sistema particular de categorização nominal baseado em padrões icônicos onde envolve a percepção que o falante possui do formato dos corpos que fazem parte de seu cotidiano, podendo ser elementos da natureza, organismos animais, vegetais e até mesmo partes do corpo humano. Essa visão, transportada para tal sistema de categorização, dá origem aos classificadores nominais, motivo desse trabalho, que são morfemas anexados às raízes das palavras, assim formando uma estrutura morfológica possuidora de carga semântica modificadora do significado do lexema.

## **2. FALANDO DO POVO MUNDURUKU: ASPECTOS HISTÓRICOS E ETNOGRÁFICOS**

Antes de se começar a falar sobre os diversos aspectos de uma língua, faz-se mister ater-nos a conhecer um pouco o povo dono dessa língua, pois para compreender como se dá o processo discursivo é necessário saber da história dessa etnia, sua situação física atual e outros fatores geradores da forma de viver e pensar desses habitantes amazônicos.

### **2.1 O POVO**

Há registros históricos da presença do povo Munduruku a partir da segunda metade do século XVIII, na região do rio Madeira, antiga Capitania do Rio Negro, atual estado do Amazonas. Segundo Leopoldi (1979), a primeira referência a esse povo foi escrita em 1768 pelo vigário José Monteiro de Noronha, que os denominou de “Matucuru”, quando foram avistados às margens do rio Maués andando completamente nus. Eles se autodenominavam “Wuy jugu”, portanto a designação Munduruku era o modo com que os índios Parintintins, seus rivais, os chamavam. Em seu livro “Coisas de Índio”, Daniel Munduruku (2000) explica que essa designação teria como significado “formigas gigantes” e surgiu em alusão aos guerreiros Munduruku que atacavam em massa os territórios rivais, como tal tipo de formigas. Os homens usavam um canudo de folhas que disfarçava o sexo. Tinham as cabeças raspadas, possuindo apenas um tufo de cabelos no alto. As mulheres usavam vestimentas feitas com um tecido de palha.

Esse povo, apesar do aspecto pequeno e frágil, possuía índole guerreira e em seus relatos, Ribeiro Sampaio em 1770, informava que os “Muturicus” por quatro anos hostilizavam as povoações existentes na beira do rio Tapajós.



Os Mundurukus dominavam toda a região dos rios Tapajós e Madeira, fato que levou o cronista Ayres de Casal, em 1818, a denominar aquela área de Mundurukânia. As expedições guerreiras daquele povo chegaram a alcançar o Xingu e o Tocantins, indo até os limites orientais da floresta Amazônica.

Um dos objetivos dessas expedições guerreiras era de obter troféus de cabeças dos inimigos. Depois de um combate, os Mundurukus cortavam as cabeças dos inimigos que depois eram enfiadas numa vara flexível para serem transportadas de regresso à aldeia. Essas cabeças passavam por um processo específico de mumificação e ao final desses procedimentos, ficavam reduzidas ao tamanho de uma cidra, porém mantinham perfeitamente as feições dos inimigos. A decoração da cabeça era feita costurando os lábios da vítima e deixando longos fios dependurados, que eram coloridos com urucu. Essa cabeça mumificada era chamada de “pariuá-á” e, ostentada no pescoço do guerreiro que a havia conquistado, constituía o mais valioso troféus de guerra dos Mundurukus. Segundo Patrick Menget (1993), a cabeça do inimigo tinha uma posição focal no sistema ritual, fortemente associado à sexualidade, à rivalidade, à procriação, à gradação etária, enfim, à capacidade da sociedade Munduruku reproduzir a si mesma.

Antônio Tocantins (1877) apresentou um recenseamento feito em 1853 pelo tenente Joaquim Caetano Correa, que mostra uma população de 18910 índios Mundurukus. A partir do contato com as frentes colonizadoras portuguesas, essa população começou a declinar. Resistentes, os Mundurukus só começaram a ceder após o envio de várias expedições portuguesas para combater os ataques que os índios faziam aos povoados de colonizadores existentes em suas terras. Foram celebrados acordos de proximidade que estabeleceram uma relação supostamente amistosa entre os Mundurukus e as autoridades coloniais. A partir de então, foram alocados em aldeamentos missionários inseridos na exploração das chamadas “drogas do sertão” (cumaru, cacau, etc.). O contato entre colonizadores e os Mundurukus deu-se de forma irregular devido ao nível de dificuldade de acesso e à grande extensão territorial daquele povo, fatos que resultaram no surgimento de aspectos culturais diferenciados na mesma etnia.

O povo Munduruku teve importante participação na Guerra dos Cabanos: insurreição ocorrida no Grão-Pará, em 1835, originada dos conflitos de fazendeiros e latifundiários poderosos que lutavam contra o controle político e econômico da elite portuguesa. A população pobre que vivia em cabanas na beira dos rios e os povos indígenas foram os que mais sofreram com essa guerra, pois eram eles os principais aliados para lutar. Segundo Cunha (1992), em 1838, na fase final da revolta, a “Mundurukânia” foi o palco principal da Cabanagem onde, sob ataque maciço das tropas portuguesas, foram mortos mais de trinta mil índios de etnia Maué Munduruku e Mura. Campos (2005) a caracteriza como uma verdadeira guerra civil que foi vencida pelas forças ao governo de Rio de Janeiro em 1840 e dizimou cerca de cem mil pessoas.



Imagem 01: Chefe Munduruku. Aquarela de Hercules Florence, desenhista da expedição do barão Georg Heinrich Von Langsdorff, 1825 a 1829.

Segundo Greenfield (1989), o processo de exploração da Amazônia passou por uma progressão acentuada na segunda metade do século XIX com o período da exploração da borracha. A região do alto Tapajós, muito propícia pela abundância da seringueira (*Hevea brasiliensis*), recebeu um contingente de milhares de trabalhadores do Nordeste brasileiro, provocando a invasão dos territórios indígenas, tornando os nativos vítimas de epidemias, genocídios e expropriação de terras. Como consequência, dos pouco mais de dezoito mil habitantes Mundurukus, chegaram ao limiar do século XX apenas mil e quinhentos.

Darcy Ribeiro (1995) chegou a afirmar, nos anos 60, que os povos indígenas, no ritmo em que estavam desaparecendo, seriam exterminados em pouco tempo. Porém a resistência daquelas populações através de lideranças que começaram a surgir e a ter voz ativa, a perda de fôlego dos grandes projetos estatais que visavam levar o progresso ao interior do país e do apoio de organizações não governamentais (ONGs.) nacionais e internacionais, levaram o estado brasileiro a proteger os indígenas e suas terras através da criação de órgãos e leis específicas, demarcações de terras, saúde e outros projetos voltados para os interesses e bem estar das populações indígenas.

O povo Munduruku, também consegue reverter esse quadro de declínio, retomando o crescimento populacional e restabelecendo a dignidade de uma nação. De aproximadamente 1500 habitantes em 1954, somam hoje mais de 7500 Mundurukus (Arnaud, 1974) .Possuem uma área demarcada com mais de 2 milhões de hectares no Pará e no Amazonas abrigando cerca de noventa aldeias nessas terras, vivendo de acordo com os princípios de sustentabilidade e preservação da natureza para suas futuras gerações e para a saúde do nosso planeta.



Imagem 02: Momento atual do povo Munduruku na aldeia “Praia do Mangue” por ocasião de nossa pesquisa de campo.

## **2.2 POPULAÇÃO ATUAL E LOCALIZAÇÃO**

Habitando atualmente às margens de rios, como o Tapajós, das Tropas, Cabitu, Cadiriri, Cururu, São Manuel, Canumã e o Madeira, os Mundurukus concentram-se nos estados do Pará, Amazonas e Mato Grosso. As aldeias tradicionais da região de origem ficam nos chamados “campos do Tapajós”, classificados entre a ocorrência de savana no interior da floresta amazônica. Segundo fontes (FUNAI 2000 e FUNASA 2002), as terras indígenas Munduruku, sua localização, situação e a população atual são as seguintes:

### **2.2.1 Terra indígena Munduruku**

Superfície: 2.340.360 hectares

Localização: Jacareacanga (PA)

População: 4.887 habitantes

### **2.2.2 Terra indígena Sai Cinza**

Superfície: 125.552 hectares

Localização: Jacareacanga (PA)

População: aproximadamente 773 habitantes

Obs: Dados da população imprecisos porque essa terra faz limite com a TI Munduruku

### **2.2.3 Terra indígena Praia do Índio**

Superfície: 28 hectares  
Localização: Itaituba (PA)  
População: 81 habitantes

### **2.2.4 Terra indígena Praia do Mangue**

Superfície: 30 hectares  
Localização: Itaituba (PA)  
População: 80 habitantes

### **2.2.5 Terra Indígena Coatá-Laranjal**

Superfície: 1.121.300 hectares  
Localização: Borba (AM)  
População: 1.719 habitantes

### **2.2.6 Terra indígena Apiaká**

Aldeia Nova Munduruku  
Localização: Juara (MT)  
População: 64 habitantes

### **2.2.7 Ribeirinhos Munduruku sem terra reconhecida**

Comunidades: São Luis, Mamaeanã, Pimental, Paraná-mirim, São  
Martim, Ramal, Barra de São Manoel, Km 43, Laranjal  
Localização: Itaituba e Jacareacanga (PA)  
População: 2145 habitantes

### **2.2.8 Terra Indígena Kayabi – População Munduruku (Aldeia Teles Pires)**

Superfície: 1.053.000 hectares  
Localização: Jacareacanga (PA) e Alta Floresta (MT)  
População: 244 habitantes

### **2.3 A PESQUISA EM CAMPO.**

Houve várias idas às terras dos Mundurukus, porém destinadas a outros fins que não a nossa pesquisa na morfossintaxe da língua desse povo. Apenas nas duas últimas foram colhidos dados direcionados aos objetivos desse trabalho. A primeira pesquisa foi realizada em janeiro de 2004 na “Terra Indígena Praia do Manguê”, localizada no município de Itaituba, ao oeste do Pará, onde vivem aproximadamente 80 índios Mundurukus.

Na estadia nessa aldeia, afortunadamente, tivemos como anfitrião o chefe Amâncio Munduruku que graças à sua extensa boa vontade, pudemos realizadas diversas conversas e gravações com os habitantes locais.

O trabalho de campo mostrou-se muito gratificante, pois, além da coleta de dados para a pesquisa, foi interessante ouvir as histórias e lendas que a toda hora esse povo tem para nos contar, assim como as lutas e dificuldades por que passam aquelas pessoas.

Uma particularidade que merece ser comentada é o interesse que os Mundurukus têm pela educação escolar. A comunidade indígena da Praia do Manguê conseguiu edificar uma escola numa área de destaque da aldeia e nota-se o orgulho quando falam nela. Porém, transparece também a tristeza pela falta de apoio governamental. Acontece que pelas pequenas proporções daquela área indígena, não conseguem voltar as atenções para lá e com isso não são designados professores e tampouco há quase material didático que possam usar. Quase, porque possuem apenas algumas antigas cartilhas bilíngües semideterioradas, que as conservam com muito carinho.

Nesse primeiro trabalho de campo, a coleta de dados para estudo resultou não ser muito profícua, pois, como era início da pesquisa, tanto o objeto, quanto os objetivos ainda não estavam bem definidos e viu-se a necessidade de novos dados a serem recolhidos em campo.

Em janeiro de 2005, empreendi nova ida a campo para realizar outra coleta de dados, porém de forma mais específica ao meu trabalho. Porém, antes de retornar à terra indígena Praia do Mangue, em Itaituba, no Pará, surgiu um fato interessante: estávamos localizados na comunidade de Aramaná, município de Belterra, no Pará, quando soube, pelos informes de ribeirinhos locais, da existência de uma aldeia Munduruku, próxima ao município de Boim, a menos de seis horas de barco de onde estávamos. Movido pela curiosidade, empreendemos viagem para o local indicado.

A aldeia era denominada “Taquara” e era habitada por aproximadamente cinquenta pessoas que afirmavam ser índios Munduruku. Todos os índios, naquela aldeia, perderam sua língua-mãe, utilizando o português como idioma na comunicação. O chefe da comunidade chamava-se Leonardo e explicou que a grande distância da terra indígena Munduruku mais próxima e a proximidade com centros urbanos foram fatores decisivos para que a língua fosse esquecida. Os mais idosos sabiam apenas expressões e palavras soltas em Munduruku, porém o fato interessante é que quase todos sabiam falar de forma fluente o “nheengatu”, ou língua geral amazônica, que era o Tupi adaptado pelos missionários para comunicação na época da colonização brasileira. Explicaram que o costume de falar essa língua veio de gerações anteriores e apenas seguiram com o costume mantendo-a.

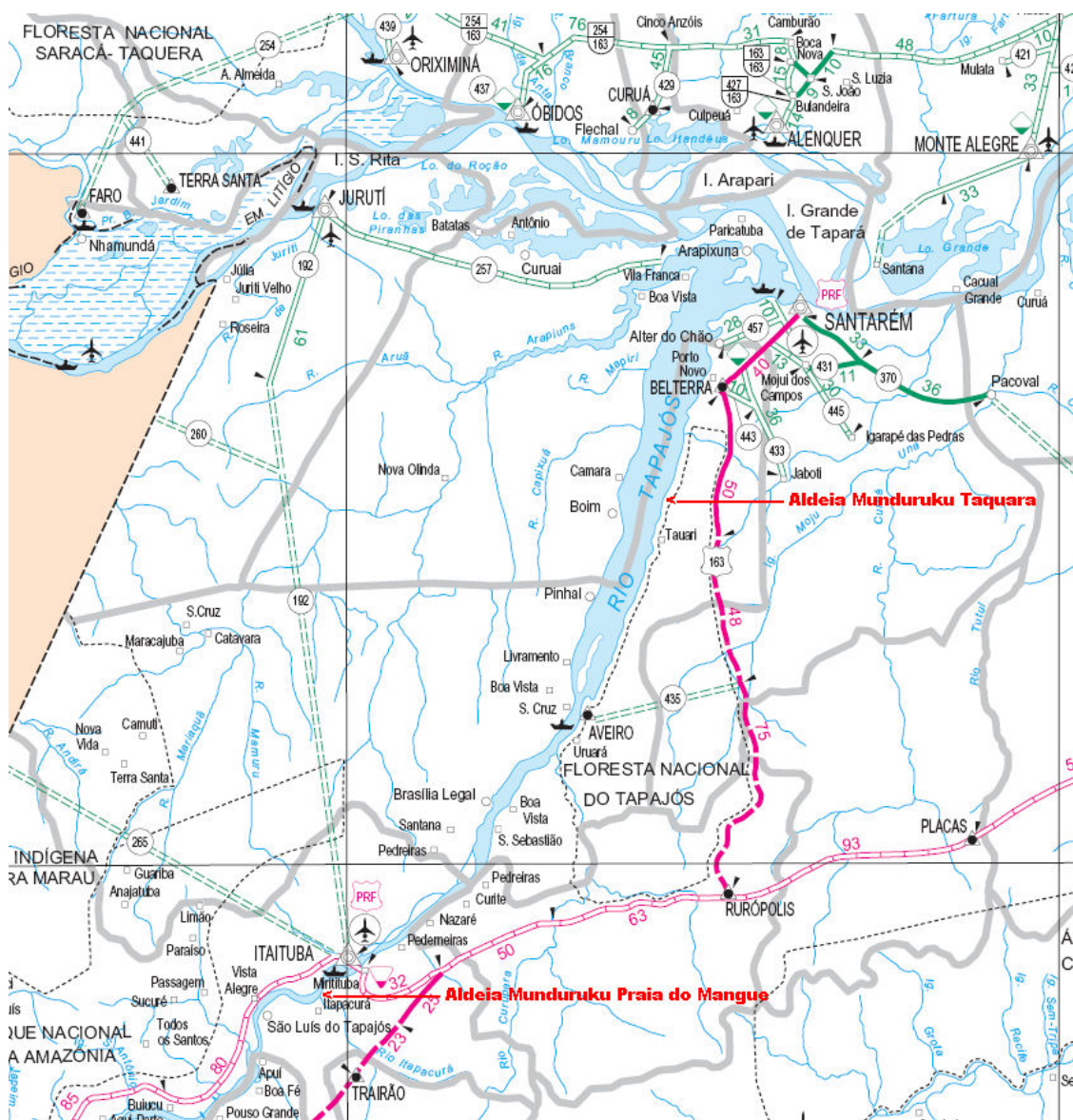
Como não seria possível realizar a coleta de dados de forma completa naquele local, apenas registrei algumas expressões e histórias contadas pelos mais velhos da aldeia. Apesar da grande hospitalidade e do convite feito para aguardar a festa da colheita, que em alguns dias seria realizada, retornamos a Aramaná para empreender viagem até Itaituba e prosseguir a pesquisa.

Na aldeia “Praia do Mangue” reencontramos o chefe Amâncio que com sua amabilidade peculiar nos acolheu. Um ano após, a aldeia permanecia da mesma forma que a deixamos e a escola, infelizmente, ainda fechada.

Executamos a coleta de dados, gravando falas, expressões e histórias das possíveis origens dessas expressões, obtendo, assim, farto material para estudo.



Uma grande dificuldade que tivemos na coleta de dados está relacionada àquela escola que jazia fechada no centro da aldeia. Ao procurar realizar a transcrição para a forma escrita da fala Munduruku, percebemos ser quase impossível, pois em toda a aldeia apenas um rapaz sabia escrever, e ainda porque havia passado alguns anos na aldeia Munduruku de “Sai Cinza” em Jacareacanga, também no Pará, onde a escola bilíngüe local está em funcionamento. Apesar de seu tempo escasso, pudemos obter várias transcrições das falas ali gravadas.



Mapa 01: Localização das duas aldeias Munduruku. (Fonte DNIT. Pará)



## 2.4 A LÍNGUA

Munduruku é o nome da língua falada pelos índios da nação conhecida pelo mesmo nome e tem sido reconhecida como uma língua tupi (Martius 1876; McQuown 1955; Loukotka 1968; Tovar 1961; Rodrigues 1994). Essa língua, junto com a língua Kuruaya, forma a família lingüística Munduruku, integrando o tronco lingüístico Tupi (Rodrigues 1980).

Uma das características mais interessantes do Munduruku é a perspectiva iconográfica a que a língua remete o alocutário a partir de certas raízes anexadas aos componentes nominais ou frasais. Desta relação, surge uma estrutura de classificadores baseada no formato das coisas que o cercam ou, ainda, de outros elementos da natureza ou culturais. Essas locuções imediatamente sensibilizam a percepção do falante para algum paradigma que o remete à compreensão do significado. Evidentemente elas constituem um sistema léxico-sintático que ocasiona uma categorização lingüística de coisas diferentes e que podem ser distintos pela semântica, pelo grupo iconográfico e por seu uso pragmático. Tais elementos que Marjorie Crofts (1985) chama de raízes classificadoras, pela sua carga representativa, constituem, por si sós, temas nominais que podem surgir em outras partes do mesmo discurso ou em outros constituintes da oração, de forma repetitiva, como sendo um singular recurso lingüístico. Collete Grievald Craig (1986) faz referência da importância do papel anafórico dos classificadores, no discurso natural, especialmente nas línguas indígenas amazônicas.

### 2.4.1 LÍNGUA CLASSIFICADORA DE CONCORDANCIA

A repetição desses morfemas, ou raízes classificadoras, levou Crofts (1985) a enquadrar o Munduruku como uma “língua classificadora de concordância”, segundo a tipologia estabelecida por Keith Allan (1977) para as línguas que possuem algum sistema de classificação.

Keith Allan (1977) estabeleceu quatro categorias para as línguas classificadoras:

- a) Língua classificadora numeral: neste grupo os classificadores desempenham a função de quantificadores;
- b) Língua classificadora predicativa: aqui a raiz verbal altera-se conforme as características do sujeito e dos objetos participantes;
- c) Língua classificadora intra-locativa: as línguas enquadradas nesta categoria utilizam os classificadores para compor expressões locativas;
- d) Língua classificadora de concordância: nessa categoria, os elementos classificadores são afixados aos substantivos, seus modificadores, predicados e proformas. É o caso da língua Munduruku.

Na língua Munduruku, como em outras línguas indígenas brasileiras, há bastante repetição ao se narrar uma história ou ao se descrever um processo qualquer (fato característico dos povos de tradição oral). A repetição desempenha uma função significativa dentro da estrutura discursiva Munduruku. Em Português, a repetição não tem o mesmo grau de importância, mas em Munduruku, é função vital para a obter a ênfase de algo. Uma tradução literal do Munduruku para o Português, incluindo toda a repetição, poderia parecer infantil e até levar dúvidas quanto à capacidade do narrador em contar histórias, embora ele seja reconhecido como um especialista na arte de transmitir o conhecimento de seu povo.

## 2.4.2 UMA LÍNGUA TONAL

Outro aspecto importante é o fato da língua Munduruku ser uma língua tonal: o falante modula, de forma diferente, morfemas iguais, ou seja, ocorre a variação da intensidade do tom conforme seu significado. Segundo Crofts (1985), cada vogal tem um tom significante. As sílabas, no Munduruku, apresentam quatro tons distintivos. Os tons são relativos, não absolutos, podendo variar em falantes diferentes, mas sempre se podem distinguir os quatro tons.

Daremos alguns exemplos do uso dos tons, seguindo o padrão de Crofts (1985). Ela utiliza os expoentes numéricos para expressar os tons na ortografia. São eles: <sup>1</sup> tom alto, <sup>2</sup> tom médio, <sup>3</sup> tom baixo e <sup>4</sup> laringalização acompanhada de tom <sup>3</sup>.

O mais alto é o tom **1**, ocorrendo raramente e apenas em palavras ou partículas que exprimem abundância ou ênfase no termo, como é o caso do exemplo 01.

(01) ji<sup>1</sup> ja<sup>1</sup> - muito

Seguem-se os tons 2 e 3, mais baixos que o primeiro tom, e mantendo entre si a mesma relação de hierarquia.

(02) xi<sup>2</sup> pat<sup>3</sup> - bom

O quarto tom é laringalizado.

(03) uk<sup>3</sup> ?a<sup>1</sup> di<sup>4</sup> eg<sup>4</sup> - no lugar da casa

Em sua tese, Gessiani Lobato Picanço (2005) contesta a teoria de Crofts (1985), afirmando que a língua Munduruku apenas possui dois níveis tonais: alto e baixo.

Como neste trabalho não analisaremos o sistema tonal do Munduruku, deixaremos de grafar as variações de tom nos vocábulos apresentados aqui. Para mais detalhes, consultem Crofts (1973; 1985) e Picanço (2005).

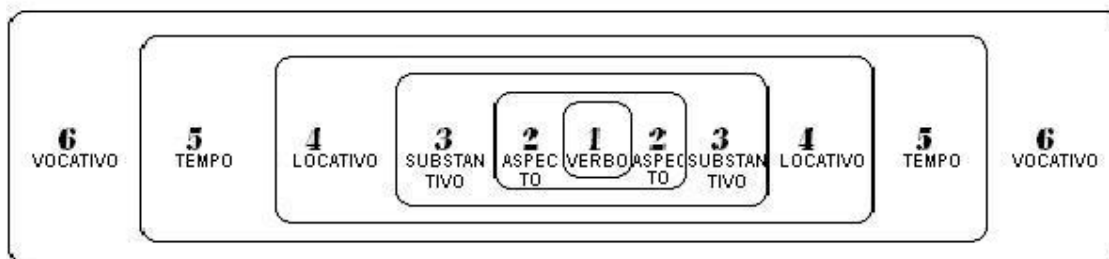
### 2.4.3 ESTRUTURA ORACIONAL

Quanto à estrutura das frases, na língua Munduruku, Crofts (1985) observa que a ordem mais comum das palavras seria {**verbo-aspecto-sujeito-locativo**}, como no caso abaixo:

(04) **cum puk òn why be** (literalmente “*ir agora eu porto para*”).

A frase, em Munduruku, é descrita por Crofts (1985) como se fosse um complexo de seis órbitas. Cada palavra não é fixa em apenas um lugar, mas também não pode ocorrer em qualquer lugar.

Assim, Crofts (1985) desenhou um diagrama ilustrando a ordem das órbitas das palavras na frase, como no quadro 2:



Quadro 2: Estrutura oracional em Munduruku, segundo Crofts (1985)

### Órbita 1 – (Verbo - Objeto)

A frase mais comum em Munduruku é aquela onde aparece só o verbo, como em:

$$(05) \quad \left| \begin{array}{l} \mathbf{o? \text{ jem}} \\ /foi/ \\ (1) \end{array} \right| = \text{“Ele foi embora”}$$

A partícula **o?** é um prefixo flexional da 3<sup>a</sup> pessoa e **jem** significa “ir”.

Quando o verbo for transitivo e o objeto estiver especificado, o objeto ocorre antes do verbo, como no exemplo 06:

$$(06) \quad \left| \begin{array}{l} \mathbf{bi \ o} \\ /anta/ \\ (1-o) \end{array} \right| \left| \begin{array}{l} \mathbf{o \ ya \ o \ ka} \\ /matou/ \\ (1-v) \end{array} \right| = \text{“Ele matou uma anta”}.$$

### Órbita 2 – (Aspecto ou verbo auxiliar)

O aspecto ou o verbo auxiliar pode aparecer antes ou depois dos componentes da órbita 1 (objeto – verbo). Se aparecerem ambos, o aspecto vem antes do verbo e o verbo auxiliar depois, como na frase:

$$(07) \quad \left| \begin{array}{l} \mathbf{kuy} \\ /já/ \\ (2) \end{array} \right| \left| \begin{array}{l} \mathbf{ya \ o \ ka \ kam} \\ /matando/ \\ (1) \end{array} \right| \left| \begin{array}{l} \mathbf{o \ su \ nuy} \\ /estava/ \\ (2) \end{array} \right| = \text{“Ele estava matando-a”}.$$

A duplicação da sílaba final, na estrutura verbal **kam**, indica gerúndio.

### Órbita 3 – (Pronome ou Substantivo)

Atuando como sujeito da oração, o pronome, ou substantivo, aparece antes ou depois da órbita 2 (aspecto ou verbo auxiliar):

(08)	<b>õn</b>	<b>cuk o a jem</b>	= “Eu cheguei”.
	/eu/	/cheguei/	
	(3)	(1)	

Na estrutura verbal aparece **cuk / juk** indicando tempo passado, o termo **o** (no caso, sem partícula glotalizadora) remete à primeira pessoa e por último: **a jem** (chegar). Temos: **cuk o a jem** (passado) + (eu) + (chegar) = cheguei.

Em alguns casos a frase inicia com um pronome e, posposto ao verbo, há um substantivo com função apositiva, criando, assim, um sistema de topicalização diferente da língua portuguesa (à esquerda):

(09)	<b>i xe yù</b>	<b>juk o? a jem</b>	<b>a go kat ka yû</b>	= “Eles, os homens”,
	/aqueles/	/chegaram/	/os homens/	chegaram “.

#### Órbita 4 – (Palavra locativa, relacional ou instrumental)

Quando ocorrer palavra estabelecendo localização, relação ou instrumentalização, essas devem estar posicionadas antes ou depois das palavras localizadas nas órbitas anteriores, como em:

(10)	<b>a o yû</b> /mulheres/ (3)	<b>juk o? ju</b> /foram/ (1)	<b>ku be</b> /roça/ (4)	= “As mulheres foram para a roça”.
------	------------------------------------	------------------------------------	-------------------------------	------------------------------------

(11)	<b>no ba nōn</b> /espingarda/ (4)	<b>bi o</b> /anta/ (1)	<b>o? ya o ka</b> /matou/ (4)	= “Ele matou a anta com a espingarda”.
------	---	------------------------------	-------------------------------------	--

#### Órbita 5 – (Tempo)

Se o falante utilizar palavras temporais, elas devem estar posicionadas antes ou depois das órbitas anteriores. Se houver palavra temporal e também palavra locativa, a temporal precede o verbo e a locativa o segue, como no caso abaixo:

(12)	<b>ka pu su</b> /ontem/ (5)	<b>bi o</b> /anta/ (1)	<b>o? ya o ka</b> /matou/ (1)	<b>a way dip pe</b> /mato + em/ (4)
------	-----------------------------------	------------------------------	-------------------------------------	---

Nesse caso: “Ontem, ele matou uma anta, no mato”.

Se, por alguma razão, o lugar tiver importância no fato narrado, a palavra locativa antecederá a palavra temporal:

(13)	<b>tip pe</b>	<b>bi o</b>	<b>o? ya o ka</b>	<b>ka pu su</b>
	/mato/	/anta/	/matou/	/ontem/
	(4)	(1)	(1)	(5)

Neste caso: “Foi no mato que ele matou a anta, ontem”.

Neste segundo exemplo, o substantivo “mato” (floresta) **a way dip** aparece na forma abreviada: **tip**. O substantivo está acompanhado pelo termo **pe** (em, no, na).

### Ênfase.

Em Munduruku, a ênfase é tão importante que pode quebrar a regra básica hierárquica na seqüência de estrutura frasal:

(14)	<b>o? ya o ka</b>	<b>ip</b>	<b>bi o</b>	<b>ka pu su</b>	<b>tip pe</b>
	/mataram/	/eles/	/anta/	/ontem/	/mato/
	(1)	(3)	(1)	(5)	(4)

“Ontem, eles mesmos mataram uma anta, no mato.”

Como **o?** já define terceira pessoa (eles), o termo **ip** reforça a idéia de que foram “eles mesmos” que mataram o animal.



Também há a possibilidade da ênfase pontual, ou seja, da palavra, onde se enfatiza apenas certo termo pela elevação do tom.

### **Órbita 6 – (Vocativo)**

Se, como recurso lingüístico, o falante usar um vocativo, este deverá ser a primeira ou a última palavra da frase:

(15)	<b>be kit</b>	<b>e jot</b>	<b>i jo ce</b>
	/criança/	/venha/	/aqui/
	(6)	(1)	(4)

“Criança, venha aqui!”

A estrutura verbal dessa frase é formada por **e** , indicadora de segunda pessoa do discurso e **jot** , “vir”; portanto **e jot** : “venha”.

#### 2.4.4 TRANSCRIÇÃO FONÊMICA

Para melhor observar os exemplos desse trabalho deparados com os dados publicados por Crofts (1985), relacionamos, na tabela abaixo, as correspondências entre as letras da ortografia prática e os símbolos fonêmicos.

ORTOGRAFIA PRÁTICA	TRANSCRIÇÃO FONÊMICA	EXEMPLOS
p	/p/	i <sup>3</sup> pi <sup>2</sup> - /i <sup>3</sup> pi <sup>2</sup> / - terra
t	/t/	ta <sup>3</sup> we <sup>2</sup> - ta <sup>3</sup> we <sup>2</sup> - macaco
k	/k/	ku <sup>3</sup> - k□ <sup>3</sup> - roça
ʔ	/ʔ/	o <sup>2</sup> ʔa <sup>3</sup> - o <sup>2</sup> ʔa <sup>3</sup> - machado
b	/b/	bi <sup>2</sup> o <sup>3</sup> - bi <sup>2</sup> o <sup>3</sup> - anta
d	/d/	do <sup>2</sup> a <sup>3</sup> - do <sup>2</sup> a <sup>3</sup> - aranha
s	/s/	so <sup>3</sup> at <sup>2</sup> - so <sup>3</sup> at <sup>2</sup> - tudo
x	/š/	i <sup>3</sup> xi <sup>2</sup> - i <sup>3</sup> ši <sup>2</sup> - sua mãe
h	/h/	o <sup>3</sup> ō <sup>2</sup> hō <sup>2</sup> - o <sup>3</sup> ō <sup>2</sup> hō <sup>2</sup> - criação
c	/tš/	i <sup>3</sup> co <sup>2</sup> - i <sup>3</sup> tšo <sup>2</sup> - cesta
j	/dž/	i <sup>2</sup> jop <sup>3</sup> - i <sup>2</sup> džop <sup>3</sup> - essa
m	/m/	o <sup>3</sup> sūm <sup>3</sup> - o <sup>3</sup> s□m <sup>3</sup> - cunhado
n	/n/	ōn <sup>2</sup> - ōn <sup>2</sup> - eu
ǧ	/ñ/	ǧ a <sup>2</sup> su <sup>2</sup> - ña <sup>2</sup> s□ <sup>2</sup> - hoje
r	/ř/	o <sup>3</sup> re <sup>3</sup> - o <sup>3</sup> ře <sup>3</sup> - com fome
w	/w/	wi <sup>4</sup> da <sup>4</sup> - wi <sup>4</sup> da <sup>4</sup> - onça
y	/y/	i <sup>3</sup> yoy <sup>3</sup> - i <sup>3</sup> yoy <sup>3</sup> - assar
i	/i/	i <sup>2</sup> - i <sup>2</sup> - pé
ĩ	/ĩ/	ĩ <sup>2</sup> - ĩ <sup>2</sup> - castanha
e	/e/	a <sup>2</sup> de <sup>2</sup> - a <sup>2</sup> de <sup>2</sup> - muito
ẽ	/ẽ/	xẽ <sup>2</sup> - šẽ <sup>2</sup> - cigana
u	/□/	bu <sup>2</sup> - b□ <sup>2</sup> - dedo
ũ	/□/	kũy <sup>2</sup> - k□y <sup>2</sup> - buraco
a	/a/	wa <sup>3</sup> - wa <sup>3</sup> - chorando
ã	/ã/	ã <sup>3</sup> wã <sup>2</sup> - ã <sup>3</sup> wã <sup>2</sup> - nenê
o	/o/	ko <sup>3</sup> be <sup>2</sup> - ko <sup>3</sup> be <sup>2</sup> - canoa
õ	/õ/	kõ <sup>3</sup> - kō <sup>3</sup> - língua

Quadro 3: transcrição fonêmica do Mundurucu

### **3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

#### **3.1 SIGNIFICANTE E SIGNIFICADO**

*Como o mundo humano se define essencialmente como o mundo da significação, então só pode ser chamado de “humano” na medida em que significa alguma coisa. (A. J. Greimas, 1970).*

O ser humano, sendo argumentativo por sua natureza, busca conhecer o problema da significação de tudo que está no campo de sua percepção, justificando de alguma forma, porque algo significa o que significa. Deste conhecimento surgem então, através de paradigmas, signos lingüísticos que realizam a união de uma forma, aspecto ou sentimento a uma imagem acústica. Os signos serão utilizados para transmitir idêntica impressão, exercendo assim papel fundamental na enunciação. Ainda mais, o uso dos signos, na realização do discurso, está inserido num contexto muito mais complexo, pois essa representação abrange aspectos sócio-históricos, além dos puramente instrumentais do uso da língua.

Segundo Foucault (1995), os discursos são feitos de signos, mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever.

A realização do ato comunicativo pela enunciação coloca o locutor, o enunciado e o mundo em evidência, permitindo a construção e a modificação das relações entre os interlocutores, seus enunciados e seus referentes.

### **3.2 A ENUNCIÇÃO**

A produção da enunciação se dá pela utilização dos signos de forma adequada para que estabeleçam algum tipo de comunicação.

Os mecanismos da produção da enunciação supõem a conversão individual da língua em discurso. É ver como o “sentido” se transforma em “palavras”. Benveniste (1966/1991) afirma que a enunciação é a semantização de uma língua, portanto, conduzindo à teoria do signo e sua análise da significância.

Para produzir a enunciação, no quadro formal de sua realização, deve-se ter em conta os signos componentes de uma língua. Muitos deles necessários e permanentes, outros incidentais e relacionados a particularidades do idioma. Antes da enunciação, a língua é apenas uma possibilidade de língua. Organizada, surge a enunciação pelo discurso que emana de um locutor através da forma sonora ou gráfica.

Sob o aspecto da realização individual da enunciação, o locutor se apropria do aparelho formal da língua e transmite o discurso por meio de signos específicos e signos acessórios. Na enunciação a língua é empregada para que haja a possibilidade desse locutor estabelecer relação com o mundo. O ato da apropriação da língua por quem fala, introduz aquele que fala em sua fala, colocando o locutor em relação constante com sua enunciação.

Não apenas os índices de pessoa são lançados mão pela enunciação, mas também outras relações fazem parte dessa estrutura que, com a organização dos signos, estabelecem relações de temporalidade, ostensão, ordem discursiva, ou meramente um fortuito intercurso social.

### 3.3 A ARBITRARIEDADE DO SIGNO LINGÜÍSTICO

Quando empregamos os signos lingüísticos para produzir a enunciação, observamos certas condições de uso, mas não nos atemos para o porque dessas condições. A significação envolve particularidades intrínsecas, principalmente da origem e da formação desses signos.

Um dos temas mais controversos nos estudos da significação relaciona-se à arbitrariedade do signo. A questão, que diferencia conclusões de lingüistas e filósofos, ainda coloca em discussão se a relação da língua com o mundo é arbitrária ou motivada. Na teoria de Saussure (1916/1970) sobre a arbitrariedade dos signos, a língua prescinde do mundo exterior para associar significante e significado. O estudioso cria na arbitrariedade do signo, ou seja, o laço que une o significante ao significado é arbitrário, não mantém nenhum tipo de relação material ou simbólica entre sua forma lingüística e o significado que expressa. Essa relação existe apenas pelo convencionamento da sociedade.

Referente aos fatores que constituem o signo lingüístico, Saussure (1916/1970) diz:

*“Os termos implicados no signo lingüístico são ambos psíquicos e estão unidos em nosso cérebro por um vínculo de associação... O signo lingüístico une não só uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos... O signo lingüístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces. Esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro.” (Saussure 1970:79-80)*

Segundo os dizeres do lingüista suíço, a associação de um conceito a uma imagem acústica exclui a dependência do mundo real como fator determinante do signo. Existe apenas a relação do signo lingüístico como um conceito, resultado da percepção, e uma imagem acústica. Imagem acústica dita como impressão psíquica do som representativo.

Saussure (1916/1970) também notou algumas exceções a este princípio, percebendo que existem, na língua, outras formas de relação entre significado e significante. Relações que estabelecem certo grau de associação entre os vários elementos dessa língua, as quais ele chamou de relações associativas.

As relações associativas, citadas por ele, surgem da união de partes comuns (radicais, prefixos ou sufixos) de certas palavras, arbitrárias por natureza, com outras palavras, formando grupos inter-relacionados, permitindo, assim, que o falante “deduza” diferentes significações da original. A definição, chegada pelo falante não tem por base os componentes mórficos dessas palavras, mas sim componentes da memória visual do falante, na qual é evocada uma comparação mental, assim associando elementos que apresentem algo em comum.

Nas palavras de Saussure (1916/1970):

*“Os grupos formados por associação mental não se limitam a aproximar os termos que apresentem algo em comum; o espírito capta também a natureza das relações que os unem em cada caso e cria com isso tantas séries associativas, quantas relações diversas existam.”*  
(Saussure 1970:145)

No exemplo apresentado por Saussure (1916/1970), o significante arbitrário “ensinar” possui relações associativas com os significantes “ensinando”, “ensino” e “ensinamento”, principalmente quando já se tem conhecimento prévio do sistema derivacional da língua portuguesa e dos significantes “-ando”, “-no”, “-mento”.

Se atermo-nos à essência das relações associativas teremos, então, uma contradição entre a forma com que Saussure (1916/1970) define o signo lingüístico e a natureza fundamental que ele mesmo lhe atribui (arbitrária).

Para Benveniste (1966/1991), o problema localiza-se na dissociação dos elementos do mundo real com a representatividade dos signos. Ele explica que o elo entre significante e significado não pode ser arbitrário, pois o signo lingüístico sempre se aplica a algum elemento da realidade.

Stephen Ullmann (1962/1977), afirma que todos os idiomas possuem palavras arbitrárias, que ele denomina de opacas ou imotivadas, sem qualquer conexão entre o som e o sentido, e outras que ele chama de transparentes ou motivadas, que estabelecem algum tipo de relação entre uma classe de objetos nominada e outra classe de objetos cujas características são à primeira atribuída, ou seja, permite ao usuário da língua estabelecer relações figurativas entre elas.

Acompanhando os dizeres de Ullmann (1977):

*“Embora muitas palavras sejam assim inteiramente convencionais, há outras motivadas de muitas maneiras. A motivação pode residir quer nos próprios sons, quer na estrutura morfológica da palavra, quer no seu fundo semântico”.* (Ullmann 1977, p. 171)

### 3.4 PALAVRAS OPACAS

Estando baseados na teoria de Ullmann (1962/1977), acompanharemos a nomenclatura dada por ele. Assim, palavras opacas ou imotivadas são tomadas aqui como aquelas, nas quais o falante não identifica a presença de aspectos semânticos/descritivos do ser ou objeto referenciado. Nessa situação, não se consegue apontar justificativa para que tais palavras tenham o significado que têm. Não se define um elo entre o nome e o sentido. Exemplos do Português para essas palavras seriam: faca, luz, cão (animal), folha (vegetal). Nesses exemplos, não se pode apresentar justificativas para a carga descritiva da palavra. Seriam as palavras arbitrárias, segundo Saussure (1916/1970), pois se originam apenas de um convencionamento feito pela sociedade falante, abstendo-se de qualquer conexão entre som e sentido.

Não sendo objeto de nosso estudo as palavras imotivadas na língua Munduruku, ilustrarei de forma breve para que sirva apenas de referencial.

Segundo Patrícia Nunes (2000), em Munduruku, os nomes de animais e dos insetos são, na maioria, não classificados, portanto não possuem referenciais icônicos, levando-os à opacidade. Temos, como exemplos: **oyoy** (vespa), **witô** (mutum), **karô** (arara vermelha), **dace** (gavião), **yorí** (jacaré).

Porém acontece, em Munduruku, que elementos significantes ou motivados são incorporados como sufixos aos nomes opacos ou imotivados, estimulando a percepção do falante e levando-o a definir algum aspecto significativo dos objetos em evidência. Veja o exemplo abaixo:

A palavra **rimão-a** (limão) incorporou-se ao Munduruku como empréstimo da língua Portuguesa, portanto sem possibilidade alguma de recuperar alguma carga descritiva para esse povo. O que aconteceu foi que incorporaram seu próprio referencial descritivo através do sufixo classificador “-a”, que os remete a seu particular aspecto iconográfico, no caso, um objeto com formato redondo.



Verifica-se que mesmo em muitos elementos, a princípio opacos, são amoldados de forma que o falante crie relações associativas com a forma física dos objetos indicados. Poderíamos dizer que surge, então, o estabelecimento de uma motivação a partir do imotivado. Em capítulo posterior retornaremos a falar sobre empréstimos na língua Munduruku.

### **3.5 PALAVARAS TRANSPARENTES**

As palavras que chamo de transparentes, partindo dos critérios de Ullmann (1962/1977), possuem, em seu conteúdo, algum tipo de motivação de fundo semântico. Tal motivação semântica leva a estabelecer relações associativas entre diversas palavras da língua ou entre classes de objetos e palavras. Estas associações permitem ao falante responder questões como: “por que isso tem esse nome?”, justificando o significado da palavra. Não ocorreria o mesmo no caso das palavras opacas, pois são meramente referenciais ou arbitrárias. Se feita a mesma pergunta de por que tal coisa tem tal nome, provavelmente a resposta seria: “porque sim!”, por não encontrar aspectos significativos nas mesmas. O falante não conseguiria encontrar justificativa para a carga descritiva que a palavra tem.

### **3.5.1 Processos de Motivação nas Palavras Transparentes**

Segundo Ullmann (1962/1977), a motivação pode estabelecer conexão entre nome e sentido por três aspectos diferentes: motivação fonética, motivação morfológica e motivação semântica.

#### **3.5.1.1 Motivação fonética**

Existe a motivação fonética onde há a imitação do som pelo som. O som é a reprodução do sentido do termo, no qual o próprio referente é uma experiência acústica imitada pela estrutura fonética da palavra. Na língua portuguesa temos, entre muitos, bem-te-vi, reco-reco, zunzum, etc. Essa estrutura onomatopaica envolve a semelhança intrínseca entre o nome e o sentido. Ocorre que quando acontece um som juntamente com um significado com o qual está naturalmente de acordo, tornar-se-á onomatopaico e acrescentará a sua própria força expressiva ao sentido por uma espécie de efeito de “ressonância”.

Procuramos visualizar por este paradigma de motivação, quais seriam os nomes com base onomatopaica em Munduruku e, mesmo em casos em que os termos remetem diretamente ao significado parecendo não existir a necessidade de uma interpretação do nome, abstermo-nos de fazê-lo, pois acreditamos ser necessário compreender o pensamento do povo para poder aplicar em sua língua os protótipos onomatopaicos sem correr o risco de concluir sobre semelhanças entre nome, som e sentido, que seriam próprios de nossa língua e cultura, portanto indevidos na língua estudada.

Podemos ter a relação entre a palavra e o som, mas identificar o som real e o som aludido pelos falantes, seria problemático sem o depoimento nativo de cada caso especificamente, uma vez que a língua não dispõe, em sua estrutura fonética, de todos os sons necessários para a imitação de certos sons animais ou de fenômenos naturais. Disto surge a necessidade de adaptação do som real ao quadro de sons da língua, como Saussure (1916/1970) já notara, o que resulta em um som culturalmente aceito como representativo do som real e com o qual é guardada a relação de iconicidade. Nessa iconicidade, portanto está guardada a “forma cultural” do som e da palavra. Um trabalho de pesquisa dos casos onomatopaicos no Munduruku seria um interessante tema para uma dissertação, pois elucidaria de que forma varia o pensamento e sua expressão lingüística nessa língua.

### **3.5.1.2 Motivação Morfológica e Semântica**

Ullmann (1962/1977), em seu livro “*Semântica: Uma Introdução à Ciência do Significado*” (1977, p.190-195), cita mais dois grandes grupos de palavras motivadas: as que possuem motivação morfológica e as possuidoras de motivação semântica. Uma palavra pode ter sua motivação estabelecida pelo significado dos morfemas que a constitui, ou seja, pela sua estrutura morfológica, possuindo cada morfema um certo significado. Ele cita como exemplo a palavra “preacher” (pregador), que é transparente porque pode ser analisado nos morfemas componentes, possuindo eles próprios um certo significado: o verbo “preach” (pregar) e o sufixo –er que gera substantivos agentes.

As palavras compostas também têm motivação morfológica. Se o falante conhece a estrutura morfossintática de sua língua, compreenderá o significado resultante da formação dessas palavras compostas. Como exemplo da língua portuguesa, temos “ultrapassar” ou “aeroporto”. Ainda poderemos ter casos em que a conexão possa ser obscura, como em “guardanapo”, mas não é menos óbvio que tal palavra tem motivação de fundo morfológico.

A motivação semântica, citada por Ullmann (1962/1977), surge do vínculo figurativo que um significante estabelece entre dois ou mais conceitos, ou significados, criando uma relação associativa tanto pela sua semelhança, como por alguma conexão externa qualquer. Ullmann (1962/1977) exemplifica com “coat” (demão, à letra: capa) de pintura, ou de batatas cozidas como “jacket” (casca), à letra: jaqueta, (casaco). Essas expressões são motivadas pela semelhança entre peças de vestuário e os objetos referidos. Tal tipo de expressão figurativa claramente mostra o estabelecimento de um vínculo metafórico, pois está baseado na semelhança entre os dois objetos ou conceitos trabalhados.

No caso da língua Munduruku, os dois processos de motivação estão fortemente relacionados, pois uma palavra classificada pode ser motivada morfológica e semanticamente. Um classificador é um morfema anexado a uma raiz, formando assim certa estrutura morfológica no lexema. Por outro lado, a carga semântica que tal classificador anexado possui, estabelece ou modifica o significado da palavra. Ullmann (1962/1977) confirma a possibilidade de uma palavra ser motivada tanto morfológica, como semanticamente. Como exemplo, temos o nome da planta “blue-bell” (campainha; literalmente: campainha azul). Segundo Ullmann (1962/1977), essa palavra, de motivação mista, é um composto transparente e, ao mesmo tempo, uma metáfora baseada na forma campanulada da flor.

### **3.6 METÁFORA E METONÍMIA**

Não é o caso de uma revisão conceitual das teorias da metáfora neste estudo, mas sim apresentar um conceito útil e específico ao desenvolvimento do trabalho.

#### **3.6.1 Metáfora**

Não se pode definir a metáfora como um simples caso de gramática lógica, pois são tantos os aspectos que ela pode expressar, por vezes até obscuros, que seriam inúmeras as significações e mesmo assim não atenderiam a todas as tentativas de definição.

Quando se fala de uma metáfora simples nos limitamos a uma frase possuidora de algumas palavras e, entre elas, alguma usada de forma metafórica. Por outro lado existem orações inteiramente construídas com palavras usadas metaforicamente (muitos provérbios são exemplos típicos) onde todos os componentes formam um símbolo. São formas muito diferentes de abordar ou estudar a metáfora.

Outro fato importante é quando nos referimos a uma metáfora, estamos nos referindo ao seu significado e não à sua estrutura ortográfica, fonética ou gramatical. Em seu livro, mais precisamente no capítulo III, chamado de “A Metáfora”, Max Black (1961) diz que a metáfora deve ser classificada como um termo pertencente à semântica, não à sintaxe, nem a nenhum estudo físico da linguagem. As regras de uso de uma língua determinam de que modo uma expressão pode ser usada como metáfora, pois ela deve construir um significado baseado na intenção do falante. A metáfora deve dar condições do ouvinte reconhecer e interpretá-la.

Max Black (1961) estabeleceu três versões de produção metafórica: metáfora substitutiva, metáfora comparativa e metáfora interativa. Cada caso é definido pela origem e função particular da metáfora.

A metáfora substitutiva, segundo Black (1961), considera a expressão metafórica como um substituto de uma expressão literal, ou seja, a metáfora é usada apenas como opção a uma expressão literal, sendo que assume papel decorativo. Segundo seus dizeres:

*“Vou denominar como enfoque substitutivo da metáfora a qualquer tese que sustente que as expressões metafóricas se utilizam no lugar de outras expressões literais equivalentes a elas. (Black, 1961, p.42)”*.

Assim, na frase: “A garota é um anjo”, o equivalente literal é óbvio e explícito (boa, bondosa), não havendo outra justificativa para seu uso meramente estilístico ou decorativo. Dessa forma, compreender o significado de uma metáfora substitutiva seria apenas decifrar um código ou desvendar um jogo de quebra-cabeças.

O segundo sistema metafórico apresentado por Black (1961) é o enfoque comparativo e baseia-se no remetimento do conteúdo metafórico a uma analogia ou relação de semelhança entre elementos. Nesses termos, o enfoque comparativo poderia ser confundido com o enfoque substitutivo e, de fato, é um caso especial de enfoque substitutivo, pois o conteúdo metafórico poderia ser facilmente substituído por um termo literal equivalente. O diferencial consiste em que no enfoque comparativo o significado literal para o termo metafórico pode ter um contexto mais amplo que o esperado. Algum aspecto semântico surge e se sobrepõe ao literal. Se no enfoque substitutivo há apenas uma troca sintática, no enfoque comparativo participa alguma relação semântica.

Black (1961) exemplifica com a inveterada frase “*Ricardo é um leão*”, na qual se pode ilustrar a diferença principal entre o enfoque substitutivo e o comparativo. Segundo a primeira tese, a frase quer dizer o mesmo que “*Ricardo é valente*”. Já no segundo enfoque, o comparativo, seria dizer que “*Ricardo é como um leão*” (quanto a ser valente). No caso dessa frase, as frases são subentendidas sem que sejam enunciadas explicitamente. Nos dois casos, pode-se aceitar que a metáfora pode ser substituída por um termo literal, mas o enfoque comparativo é uma interpretação mais elaborada do enunciado, pois se refere tanto aos leões, como ao Ricardo.

Black (1961) apresenta dois contra-argumentos para a não aceitação plena das teorias substitutiva e comparativa, pois se pode lançar a pergunta: por que fazer o leitor decifrar um quebra-cabeça se há disponível no vocabulário um elemento literal e objetivo? Para esse questionamento, Black (1961) apresentou dois tipos de resposta: um dos casos seria a possibilidade de não haver um termo literal para a expressão em questão, assim usando a metáfora para aproximar elementos comuns entre dois termos comparados. Os matemáticos se referem a um “lado” de um ângulo porque não existe nenhuma expressão literal breve para uma linha que se dobre em um ponto, assim suprimindo a ausência desse vocábulo. Porém, ao encarar dessa forma, poderíamos remeter a um caso de catacrese, pois supre uma lacuna do vocabulário. Acontece que, se a catacrese advém de uma necessidade real, a mesma passa a fazer parte do conjunto literal da língua, deixando de ser uma catacrese. Como segunda possibilidade de resposta, poder-se-ia partir da premissa de que a metáfora não advém das características da catacrese. Assim, sua origem será puramente estilística.

O outro contra-argumento é o fato de que nem sempre na língua há uma paráfrase literal perfeita de expressões metafóricas simplesmente porque o sentido de que se quer expressar só se constrói através da própria metáfora. O próprio exemplo “*Ricardo é um leão*” pode expressar muito mais do que simplesmente “*Ricardo é valente*” ou “*Ricardo é forte*”, enfim pode expressar algo que somente pode ser expresso em português por “*Ricardo é um leão*”.

Para suprir as lacunas deixadas pelas teorias substitutiva e comparativa, Black (1961) formula, com base nos trabalhos de Richards (1936), uma proposta que a denomina “interativa” e forma-se com base nos seguintes pressupostos:

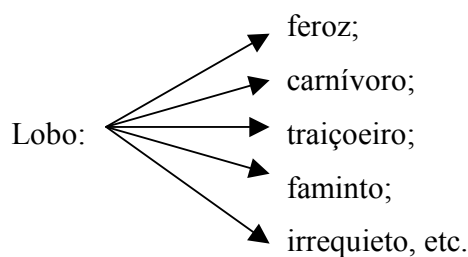
*“A metáfora se constitui fundamentalmente em um empréstimo mútuo e um comércio entre dois pensamentos, entre uma transação entre contextos” (Richards 1936, p.119)*

No enfoque interativo, a origem do significado se dá muito além da mera substituição de termos ou de comparação de cargas semânticas (caso dos enfoques substitutivo e comparativo). Como o próprio nome sugere, trata-se do resultado da interação de diversos aspectos entre o termo literal e o termo metafórico. A metáfora é geradora de pensamentos diversos para uma mesma expressão que pode se relacionar de muitas formas com o termo literal.

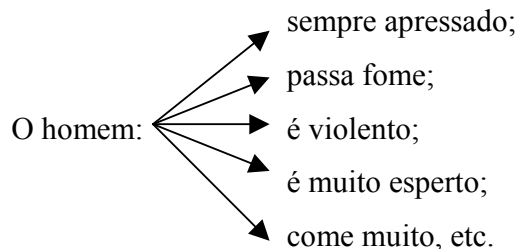
Essas extensões metafóricas possíveis em confronto com as características significativas do termo literal produzem troca de significados que por sua vez, criam um sistema de referentes para o assunto principal. Black (1961) o nomeia de "*sistema de tópicos acompanhantes*". Esse sistema passa por um "filtro" onde se suprimem características (tópicos) e se acrescentam outras, organizando, assim, a visão do referente atuante.



Para exemplificar esse intercâmbio de informações entre referentes, aproveitaremos o exemplo de Black (1961): "*O homem é um lobo*", em que o assunto principal é *homem* e o subsidiário é *lobo*. Se o leitor for totalmente ignorante a respeito de lobos, essa expressão metafórica será nula, não haverá significado resultante. Porém se existe um conhecimento literal sobre lobos, começarão a surgir considerações acerca desse assunto.



Esse conjunto de afirmações seria o sistema de tópicos que acompanha a palavra lobo. Da união com as características humanas, surgirá um outro sistema:



O sistema resultante do intercâmbio metafórico passa pelo tal "filtro" mencionado e, como resultado, teremos a organização adequada da visão pretendida de "*homem*". Black (1961) apresenta um exemplo que reforça a visão desse filtro metafórico:

*"Suponhamos que estamos observando o céu noturno através de um pedaço de vidro fortemente enegrecido, no qual tenha-se deixado de escurecer algumas linhas. Poderemos ver, então, unicamente as estrelas que coincidam com as linhas previamente preparadas na tela, e as que se vejam, surgirão organizadas por essa estrutura. Podemos considerar a metáfora como uma tela semelhante e o sistema de tópicos acompanhantes da palavra focal, como a rede de linhas traçadas sobre a tela. Da mesma forma podemos dizer que o assunto principal se vê através da expressão metafórica ou, se preferirmos, que resulta projetado sobre o campo do assunto subsidiário. Nessa última analogia deve-se admitir que o sistema de implicações da expressão focal determina a lei de projeções". (Black, 1961, p.44).*

### **3.6.2 Metonímia**

Muitos teóricos encaram a metonímia como a substituição de palavras, ou termos literais, por outros oriundos de um processo metafórico resultante do deslocamento de significado entre referentes. Essa metáfora original assumiu o papel do termo literal. Isso pode se conceber partindo da assertiva de que a metáfora e a metonímia apresentam a mesma forma estrutural, apenas diferindo pela natureza das relações implicadas. Se uma metáfora original, em que havia apenas a transferência no campo semântico, passou a assumir o papel do termo literal, pode-se dizer que migrou para uma metonímia.

Observado por esse aspecto, é possível, também, atribuir à metonímia o enfoque interativo de Black (1961), pois a remessa de um referente a outro implica na consideração de diversos tópicos ou implicações secundárias para dar base à analogia que estruturou a metonímia. Esse sistema de tópicos que acompanha o referente é estabelecido pela visão de mundo, ou paradigmas particulares que uma língua, ou povo, possui. Dessa forma, determinando a transposição adequada de significado.

Essa perspectiva de uso da metonímia adequou-se aos objetivos deste trabalho, portanto, em capítulo posterior, retornaremos a falar e a exemplificar a forma que o povo Munduruku faz uso da mesma.

Os tópicos acompanhantes, que segundo Black (1961) incrementam a visão interativa da metonímia, encontram certa similitude nos “campos semânticos” citados por Greimas (1970). A idéia básica de Greimas (1970) é que cada palavra se relaciona com um conjunto de outras palavras, com as quais mantém relação de afinidade semântica. A metonímia, segundo Greimas (1970), é a atribuição do significado de um indivíduo de um paradigma a outro de um mesmo paradigma, mesmo os dois possuindo amplitudes diferentes. Greimas e Courtes (1979), em outra oportunidade, dizem que a metonímia é como uma “metáfora desviante”, pois o significado deveria deslocar-se como metáfora a um outro paradigma, mas desloca-se ao mesmo. Nota-se que esse deslocamento de significados de um indivíduo semiótico para outro, do mesmo paradigma ou de outro paradigma, deve obedecer à condição de que apenas um dos indivíduos semióticos seja literal, nos termos de Black (1961), para que seja caracterizada a figuratividade do outro.

## 4. O CASO DOS CLASSIFICADORES EM MUNDURUKU

### 4.1 OS NOMES

Segundo Dionei Moreira Gomes (2006), os nomes, em Munduruku, formam uma classe aberta utilizada como sujeito, objeto, objeto de posposição, modificador de outro nome, núcleo de predicado nominal e também como adjuntos.

Segundo Crofts (1985) em “Aspectos da Língua Munduruku”. Pode-se dividir os nomes de duas formas: pela posse e pela classificação. Pela posse, ela os divide em três classes: nomes que são obrigatoriamente possuídos, nomes que são optativamente possuídos e os que não são possuídos. Os nomes obrigatoriamente possuídos sempre ocorrem com um pronome possessivo e relacionam se geralmente a partes do corpo humano, parentesco e outras coisas que refletem, em Munduruku, o que é possuído. Os nomes optativamente possuídos podem ocorrer com ou sem pronomes possessivos. Os nomes não possuídos nunca ocorrem com pronomes possessivos, pois não podem ser possuídos, assim como o sol, a lua e outros astros. Todos os nomes de animais também não são possuídos, pois se refere a criação e não a ele.

A partir da divisão de Crofts (1985), Gomes (2006) reagrupou os nomes em alienáveis e inalienáveis. O grupo dos inalienáveis é formado pelos nomes obrigatoriamente possuídos, pois há posse intrinsecamente inculcida. O grupo dos alienáveis abrange o que Crofts (1985) chamou de optativamente possuídos. Ao grupo dos não possuídos, Gomes não considerou como classe, pois explica que não seria impossível definir posse a esses substantivos.

Por não ser objeto desse trabalho estes aspectos sintáticos dos nomes em Munduruku, pode se obter mais detalhes e exemplificações dessa divisão pela posse em Gomes (2006, p. 87-119), Picanço (2005, p. 258-261), Crofts (1985, p. 46-79).

## 4.2 OS CLASSIFICADORES

Com respeito aos classificadores incorporados aos nomes, Crofts (1985) diz que estão agrupados em quarenta classes conforme a forma física dos objetos que indicam.

Com base nesses classificadores citados por Crofts (1985), demonstraremos a interinfluência que ocorre entre o pensamento desse povo e os modelos iconográficos que regem os classificadores da língua, aclarando como surge o significado dos nomes e qual é o processo envolvido. Como foi dito anteriormente, esse processo de descrição é figurativo e ressalta um aspecto significativo do ponto de vista do pensamento desse povo sobre um referente.

Ao compor o significado através dos classificadores, a metáfora aparece como instrumento preponderante na atribuição do significado. Dessa forma, se perguntarmos a um falante Munduruku porque ele chama abreviadamente a uma estrela de “**ta**”, semente, ele, recuperando essa relação associativa, dirá que é porque as estrelas parecem pequenas sementes. Todos os substantivos que indicam a forma de semente possuem o sufixo “-**ta**”. Mas ao perguntar-lhe porque semente é nomeada com a mesma palavra, ele dirá que é “porque sim”, quebrando o elo metafórico. No caso “**ta**” é usado como significado de estrela (na forma abreviada) em função da figura que constrói pelo esquema: “isto é como isto”, ou seja, pela possibilidade de relacionar a palavra com outro referente que não o próprio objeto por ela relacionado, o falante Munduruku pode recuperar a motivação dada à palavra.

Quando a mesma palavra é utilizada com o significado original de semente, por não haver a possibilidade de inserir o termo em um esquema que não o remeta a outro referente que não o próprio objeto, a palavra é opaca, nos moldes que apresentei anteriormente, não havendo vínculo metafórico algum.

Ao estudar os classificadores, por diversas vezes nos deparamos com partículas classificadoras que, apesar de terem absolutamente o mesmo conteúdo significativo, alternam morfemas. É o caso, entre outros, de **dup / tup** , **dig / tig** , **nom / tom**, **ba / pa**.

Essa alternância entre oclusivas sonoras e oclusivas surdas depende da ligação entre o classificador e a raiz. A partícula classificadora sempre começa em oclusiva sonora (-d, -n, -b) quando está ligada a uma raiz terminada em vogal (soante). Se a raiz termina em consoante (obstruínte), o classificador deverá começar em oclusiva surda (-t ou -p). Temos:

(16) ka pe <b>da</b> (semente de café)	(18) ka sop <b>ta</b> (estrela)
(17) a ko <b>nōm</b> (mingau de banana)	(19) xin <b>tom</b> (mingau de farinha)
(vogal + oclusiva sonora)	(consoante + oclusiva surda)

Passaremos, então, à análise dos substantivos classificados em:

#### 4.2.1 Categoria dos objetos com forma de lâmina.

Os substantivos dessa categoria têm como referência os objetos planos, de pouca espessura, em formato laminar, como uma folha (vegetal) e são classificados com o sufixo **dup** ou **tup** que os remete para o presente paradigma. Deste grupo participam:

(20)	mu re o <b>dup</b>	-	morcego
(21)	wa re <b>dup</b>	-	mofo
(22)	i wãp <b>tup</b>	-	arraia
(23)	ko su <b>dup</b>	-	palha branca
(24)	a ko <b>dup</b>	-	folha de bananeira

Embora o morcego seja um animal diferente, ao nosso ver, de uma folha, deve-se ter em conta o pensamento Munduruku que o remete ao protótipo metafórico de que um morcego tem o formato de uma folha. Ocorre o mesmo em outros termos que, pelo seu formato, enquadram-se na mesma categoria.

#### 4.2.2 Categoria das coisas finas, cilíndricas e pequenas semelhantes a um dedo.

Os nomes pertencentes a essa categoria (coisas cilíndricas, flexíveis, finas e pequenas semelhantes a um dedo) recebem os sufixos **bu** ou **pu**. Temos como exemplares desse grupo:

(25)	i xi <b>bu</b>	-	cipó
(26)	puy <b>bu</b>	-	cobra
(27)	ce kû ru ruk <b>pu</b>	-	veia

Cipó e cobra pertencem ao mesmo grupo classificado, embora sejam respectivamente vegetal e animal. O que os Mundurukus põem em evidência nesta figura não é a natureza dos dois seres, mas a sua forma.

#### 4.2.3 Qualquer coisa em forma líquida.

Os substantivos que indicam substância líquida levam o sufixo **di / ti**

- |      |                        |   |                    |
|------|------------------------|---|--------------------|
| (28) | i bi <b>di</b>         | - | água do rio        |
| (29) | ka pe <b>di</b>        | - | café               |
| (30) | ja ray ?a bi <b>di</b> | - | suco de laranja    |
| (31) | wa pu rûm <b>ti</b>    | - | bebida de taperebá |

A água compartilha a mesma propriedade com o suco de laranja e o café (bebida). Os três pertencem à mesma classificação pela forma física que possuem. O que os Mundurukus põem em evidência nessa classe é a forma líquida. Dessa forma não ocorre a conexão a partir do uso, ou da cor entre os termos, pois poderíamos considerar coisas diferentes pelas cores ou usos distintos. Ocorre sim a similitude pelo aspecto líquido dos termos em questão.



#### 4.2.4 Qualquer tipo de fumaça.

Quando surgem os morfemas classificadores **dig** ou **tig** sufixados aos nomes, passam a ser a fumaça dos mesmos.

- |      |                   |   |                                      |
|------|-------------------|---|--------------------------------------|
| (32) | da xa <b>dig</b>  | - | fumaça de pau (madeira)              |
| (33) | xi dig <b>tig</b> | - | fumaça de borracha (defumar o látex) |
| (34) | e <b>dig</b>      | - | fumaça de cigarro                    |
| (35) | ka bi <b>dig</b>  | - | fumaceira da manhã (nevoeiro)        |

Da mesma forma que o caso anterior, a particularidade que une os produtos especificados por este classificador é a consistência, ou propriedade, podendo até estar relacionada à forma específica do mesmo.

#### 4.2.5 Qualquer coisa semelhante a uma semente.

Os substantivos que indicam as coisas semelhantes a sementes, ou as próprias sementes, têm incorporado os sufixos **da** ou **ta**. Temos, entre eles:

- |      |                      |   |                   |
|------|----------------------|---|-------------------|
| (36) | a são <b>da</b>      | - | semente de mamão  |
| (37) | mu suk <b>ta</b>     | - | mandioca          |
| (38) | e <b>da</b>          | - | semente de tabaco |
| (39) | ka sop <b>ta</b>     | - | estrela           |
| (40) | a ku ri ce <b>da</b> | - | olho de cachorro  |

Com estes exemplos, podemos observar dois fatos interessantes: o primeiro é pertinente ao ponto de vista dos Mundurukus, como estabelecem a conexão metafórica entre tão diferentes termos, para nossos padrões. O falante Munduruku enquadra nessa classe tanto uma estrela como os olhos de um cachorro. Por mais que nos possa parecer estranho essa associação, para os Mundurukus é normal, pois estão na classe de sementes que, para eles, parecem como sementes.

#### 4.2.6 Mais classificadores.

Qualquer massa ou mingau: **nõm / tõm**.

- |      |                   |   |                   |
|------|-------------------|---|-------------------|
| (41) | xin <b>tom</b>    | - | mingau de farinha |
| (42) | a ko <b>nõm</b>   | - | mingau de banana  |
| (43) | um suk <b>tõm</b> | - | massa de mandioca |

Qualquer coisa em forma de cacho: **dot / tot**.

- |      |                   |   |                  |
|------|-------------------|---|------------------|
| (44) | a ko <b>dot</b>   | - | cacho de bananas |
| (45) | ka ?õg <b>tot</b> | - | vassoura         |
| (46) | tri go <b>dot</b> | - | cacho de trigo   |

Objetos cilíndricos, rígidos e finos ou esticados como um braço: **ba / pa**.

- |      |                    |   |                |
|------|--------------------|---|----------------|
| (47) | a ko <b>ba</b>     | - | banana         |
| (48) | xi ri ri <b>ba</b> | - | ingá           |
| (49) | wa <b>ba</b>       | - | meu braço      |
| (50) | e ge <b>ba</b>     | - | asa de pássaro |

Qualquer flor: **dit / tit.**

- (51) a ko **dit** - flor de bananeira  
(52) a são **dit** - flor de mamoeiro

Cobertura de penas ou pêlos, ou os mesmos: **dap / tap.**

- (53) wa su **dap** - penas de pássaros  
(54) kak **tap** - pêlo de raposa  
(55) ya **dap** - seus cabelos

Qualquer plantação (plantada ou natural): **dip / tip.**

- (56) a ko **dip** - bananal  
(57) we nu **dip** - castanhal

Qualquer coisa oca: **?uk.**

- (58) ko mu pi **?uk** - timbó  
(59) pa ra sui **?uk** - flauta

Alguma coisa redonda: **?a.**

- (60) uk **?a** - casa  
(61) ka pu rum **?a** - açai

Qualquer árvore ou algo feito dela: **ip.**

- (62) ra pi **?ip** - lápis  
(63) we nu **?ip** - castanheira  
(64) a são **ip** - mamoeiro

Qualquer tipo de chifre: **a ka na su.**

- (65) bi o pak **a ka na su** - chifre de vaca  
(66) dap sem **a ka na su** - chifre de veado

Qualquer pensamento: **a guy.**

- (67) **wa guy** - meu pensamento  
(68) be kit cat **a guy** - pensamento de criança  
(69) dap sem **a guy** - pensamento de veado

Notícias ou informações de algo ou alguém: **a wêg.**

- (70) o xi **a wêg** - notícias de minha mãe  
(71) **ya wêg** - suas informações

Valor de alguma coisa: **de i / te i.**

- (72) û ru **de i** - valor da rede  
(73) ki se **de i** - preço da faca

Qualquer tipo de dente: **nûy / tûi.**

- (74) bi o pak **tûy** - dente de vaca  
(75) da je **nûy** - dente de porco do mato

Ferrão de alguma coisa: **nōg ta pi / tōg ta pi.**

- (76) da **tōg ta pi** - ferrão de lacraia  
(77) i ko pi **nōg ta pi** - ferrão de vespa

Gravetos ou lenha miúda: **day pa / tay pa.**

- (78) da xa **day pa** - lenha miúda  
(79) o? je **day pa** - gravetos de timbó

Voz de algo ou alguém: **a ?o.**

- (80) wa sũ **a ?o** - voz de pássaro  
(81) wuy **a ?o** - nossa voz

Alma, espírito ou retrato: **bi õg buk.**

- (82) wuy **bi õg buk** - nosso retrato ou nossa alma  
(83) dap sem **bi õg buk** - espírito ou alma de veado

Qualquer vento: **bi do.**

- (84) ka **bi do** - ventania  
(85) o **bi do** - minha respiração

Qualquer osso ou algo feito dele: **da o / ta o.**

- (86) bi o pak **da o** - osso de vaca  
(87) dap sem **ta o** - osso de veado

Qualquer criança ou filhote: **?it.**

- (88) o **?it** - minha criança  
(89) a ku ri ce **?it** - filhote de cachorro

Maloca ou lugar: **ka.**

- (90) wuy **ka** - nosso lugar  
(91) be lem **ka** - a cidade de Belém

Qualquer buraco: **kûy**.

- (92) i pi **kûy** - buraco no chão  
(93) ip **kûy** - buraco na árvore

Qualquer tala ou em forma de tala: **na no / ta no**.

- (94) ko su **na no** - tala de palha de inajá

Qualquer brasa: **na bõ e / ta bõ e**.

- (95) da xa **na bõ e** - brasas de pau (madeira)

Banha ou algo gorduroso: **xep**.

- (96) bi o **xep** - banha de anta  
(97) da je **xep** - gordura de porco do mato

Qualquer noz ou castanha: **î**.

- (98) we nu **î** - castanha do Pará

Qualquer placenta: **do ti / to ti**.

- (99) be kit **to ti** - placenta de criança  
(100) mu di **do ti** - placenta de cutia

Dor: **pi**.

- (101) wa **pi** - dor na minha cabeça

Nome de algo: **bu tet**.

- (102) o bu **tet** - meu nome  
(103) wuy bu **tet** - nosso nome

Qualquer rasto: **i but.**

- (104)      **bi o i but**      -      rasto de anta  
(105)      **dap sem i but**      -      rasto de veado

Qualquer parente: **ba dip.**

- (106)      **o ba dip**      -      meu parente

Qualquer carne: **en.**

- (107)      **dap sem en**      -      carne de veado  
(108)      **da je en**      -      carne de porco do mato

Qualquer pele: **xe e.**

- (109)      **dap sem xe e**      -      pele de veado  
(110)      **da je xe e**      -      pele de porco do mato

Qualquer boca: **bi.**

- (111)      **dap sem bi**      -      boca de veado  
(112)      **wa bi**      -      minha boca

### 4.3 VÁRIOS CLASSIFICADORES PARA UM MESMO SUBSTANTIVO

Outro aspecto interessante é o fato de que o mesmo substantivo pode ser classificado em outras classes. Conforme o sufixo que constitui, remete a percepção do falante imediatamente ao referente em questão. Se observarmos a categoria das coisas semelhantes a sementes, ou as mesmas, encontraremos **mu suk ta** e saberemos que estamos nos referindo à semente da mandioca. Na classe denominada “qualquer flor” encontraremos o mesmo substantivo com o sufixo próprio da classe (**dit** ou **tit**), indicando a flor da mandioca, surgindo **mu suk tit**. O mesmo caso se registra para a flor do café. Temos **ka pe dit** para a flor do café e **ka pe di** para café (bebida).

Um substantivo que figura em várias categorias classificadas é “banana”. Pode-se observar, nos exemplos abaixo, a ocorrência desse substantivo pó várias categorias classificadoras do Munduruku:

Qualquer coisa cilíndrica, rígida, fina ou esticada: **ba / pa**

(113) a ko **ba** - banana (fruto)

Objetos em forma de cacho: **dot / tot**

(114) a ko **dot** - cacho de bananas

Qualquer árvore ou coisa feita dela: **ip**

(115) a ko **ip** - bananeira

Qualquer flor: **dit / tit**

(116) a ko **dit** - for de bananeira



Objetos em formato de folha: **dup / tup**

(117) a ko **dup** - folha de bananeira

Algo em forma de massa, mingau: **nõm / tõm**

(118) a ko **nõm** - mingau de banana

## 5. A METÁFORA E O MUNDURUKU.

Como abordado anteriormente, Crofts (1985) afirma que a língua Munduruku enquadra-se como uma “língua classificadora de concordância”. Esse sistema de concordância é realizado pela repetição ou reduplicação de morfemas que atuam como classificadores, interagindo tanto no âmbito nominal, como no âmbito oracional. A repetição desses morfemas, ou raízes classificadoras é tratada por Crofts (1985) como um sistema de concordância, assim afetando significado de nomes, verbos, quantificadores, demonstrativos e outros.

O substantivo classificado **a ko ba** possui o classificador **ba**, indicador de um certo formato. Este classificador pode se repetir assumindo o lugar e o significado do substantivo tantas vezes seja necessário para que os outros elementos oracionais sejam relacionados a ele, estabelecendo concordância com os mesmos. Temos:

(119) xep xep **pa** a ko **ba** o? su **ba** ?o  
(duas) (bananas) (comeu) (ele)  
“Ele comeu duas bananas”

Os classificadores possuem carga significativa baseada no formato das coisas que envolvem a percepção do falante. Esses elementos significativos surgem da observação da natureza, de conceitos culturais, do formato visual rotineiro das coisas, em suma, de um sistema conceitual definido pela realidade cotidiana do povo Munduruku. O uso das locuções formadas pelos classificadores e, até seu uso isolado, é possível pelo deslocamento de significado ocorrido graças à carga metafórica que os mesmos adquiriram.

Max Black (1961) define esses “deslocamentos” de significado como o resultado de um processo metafórico, pois parte do significado de uma palavra é transferido para outra. Como o processo do pensamento humano é, em grande parte, de fundo metafórico, então tais deslocamentos são possíveis porque são metáforas no sistema conceitual de uma pessoa.

O sistema conceitual do ser humano é estruturado na vivência de mundo que possui e na maneira como ele se relaciona com o seu semelhante. Assim leva-se a crer que a formação dos paradigmas na construção do significado dos classificadores utilizados no Munduruku apenas pode ser concebida como um ato puramente cultural, refletindo o pensamento do povo que se expressa através de sua língua.

Em seu trabalho, “Metáforas da Vida Cotidiana”, Lacoff e Johnson (1980) afirmam que o corpo humano é o principal pilar que orienta a construção do pensamento, empregando, para isso, a metáfora e a metonímia como formas de expressar tais pilares representativos do pensamento.

Darrel Posey (1984), etnobiologista e antropólogo, que por muitos anos estudou grupos humanos na Amazônia, também observou que o corpo humano surge como principal fonte metafórica utilizada pelos ameríndios para a sua expressão oral.

Heine e Hunnemeyer (1991), nos mesmos moldes, observam que a fonte natural de todo o processo metafórico é o corpo humano. No trabalho de Patrícia Nunes (2000), temos uma observação dela referente à obra de Heine e Hunnemeyer (1991), com a seguinte afirmação:

*“O corpo humano, por exemplo, oferece um conveniente conjunto de pontos referenciais para a orientação espacial. Partes do corpo são eleitas, por exemplo, como fontes para a expressão de conceitos gramaticais em razão de sua localização: costas ou nádegas para o que é posterior; tórax, seio, rosto, olhos, ou até mesmo cabeça para o que está a frente; barriga, estômago ou coração para o que é interno; cabeça para o que está acima e ânus ou pé para o que está abaixo.”* Nunes (2000, p. 22)

Através das referências e observações sobreditas, toma-se a concluir que, embora não única, o corpo humano é fonte natural de todo o processo metafórico, sendo instrumento preponderante na atribuição de significado e ainda, segundo Posey (1984), essa base corporal é a principal figura metafórica utilizada pelos ameríndios.

Defrontando o estudo do material coletado em campo com as bases teóricas vistas, percebe-se sim a fonte iconográfica humana, mas não de forma preponderante.

Temos, a seguir as partes do corpo do homem que encontramos como fontes metafóricas humanas para os classificadores:

Cabeça humana: **a**

A forma redonda da cabeça do homem serve de base orientativa para a raiz classificadora **a** e assim os substantivos que incorporam tal classificador são definidos como “coisas redondas”. Entre outros, temos:

(120)	Minha cabeça	-	wa <b>a</b>
(121)	Casa	-	uk ? <b>a</b>
(122)	Abacaxi	-	i pa ra <b>a</b>
(123)	Cesto	-	yo ba <b>a</b>

Barriga: **uk**

A barriga humana serviu de fonte para a metaforização dos substantivos classificados que levam a partícula **uk**. Sendo oca, a barriga presta-se de significado para todas as coisas ocas que o homem observa na natureza. Temos:

(124)	Minha barriga	-	wa <b>uk</b>
(125)	Flauta	-	pa ra suy <b>uk</b>
(126)	Timbó	-	ko mu pi <b>uk</b>
(127)	Buzina	-	i hi <b>uk</b>

Cabelos: **dap**

Os cabelos que o homem possui na cabeça servem como base metafórica para toda cobertura de pelos ou penas que os animais ou aves possuem, levando assim o classificador **dap** ou **tap**.

- |       |                 |   |                      |
|-------|-----------------|---|----------------------|
| (128) | Meus cabelos    | - | wa <b>dap</b>        |
| (129) | Pelo de raposa  | - | kak <b>tap</b>       |
| (130) | Pena de galinha | - | as po kay <b>dap</b> |
| (131) | Pelo de anta    | - | bi o <b>dap</b>      |

Braço: **ba**

O braço humano, pelo seu formato cilíndrico e rígido é uma das principais referências metafóricas de categorização dos elementos da natureza. A partícula classificadora **ba** ou **pa** serve de indicador para todas as coisas cilíndricas, esticadas, finas e rígidas. São exemplos estes casos:

- |       |             |   |                     |
|-------|-------------|---|---------------------|
| (132) | Meu braço   | - | wa <b>ba</b>        |
| (133) | Banana      | - | a ko <b>ba</b>      |
| (134) | Cacau bravo | - | ka ro xin <b>pa</b> |
| (135) | Cacau       | - | wa je <b>ba</b>     |

Dedos: **bu**

As coisas que lembram o formato dos dedos humanos, cilíndricos, roliços, finos e flexíveis são categorizadas pela semelhança de tal e recebem o sufixo classificador **bu** ou **pu**. São casos, os seguintes exemplos:

- |       |          |   |                     |
|-------|----------|---|---------------------|
| (136) | Meu dedo | - | wa <b>bu</b>        |
| (137) | Cipó     | - | i xi <b>bu</b>      |
| (138) | Cobra    | - | puy <b>bu</b>       |
| (139) | Verme    | - | i ko ê ro <b>bu</b> |

Apesar do sistema conceitual estar baseado na interação do corpo humano com o ambiente que o circunda, as fontes metafóricas produtoras de significado não-humanas preponderam e, como exemplos, podemos citar:

Uma árvore: **ip**

- |       |                   |   |             |
|-------|-------------------|---|-------------|
| (140) | we nu ? <b>ip</b> | - | castanheira |
| (141) | a são <b>dip</b>  | - | mamoeiro    |
| (142) | ra pi ? <b>ip</b> | - | lápiz       |

Aqui encontramos um lápis classificado como árvore por ser constituído por ela (ou seu mesmo material).

Uma semente: **ta**

- |       |                  |   |                  |
|-------|------------------|---|------------------|
| (143) | ka sop <b>ta</b> | - | estrela          |
| (144) | bi o <b>da</b>   | - | olho de anta     |
| (145) | tri go <b>da</b> | - | semente de trigo |

Outras coisas que não possuem parentesco com uma semente classificam-se da mesma forma por sua similitude aparente.

Uma flor: **dit**

- |       |                     |   |                  |
|-------|---------------------|---|------------------|
| (146) | xi ri ri <b>dit</b> | - | flor de ingá     |
| (147) | a são <b>dit</b>    | - | flor de mamoeiro |

A visão de mundo do homem está marcada intensamente pelos elementos da natureza com que convive.

Fumaça: **dig**

- |       |                  |   |                               |
|-------|------------------|---|-------------------------------|
| (148) | da xa <b>dig</b> | - | fumaça de pau (madeira)       |
| (149) | ka bi <b>dig</b> | - | fumaceira da manhã (nevoeiro) |

Independendo da origem, o elemento é classificado pela sua forma física.

Folha: **dup**

- |       |                    |   |                    |
|-------|--------------------|---|--------------------|
| (150) | a ko <b>dup</b>    | - | folha de bananeira |
| (151) | a são <b>dup</b>   | - | folha de mamoeiro  |
| (152) | mu re o <b>dup</b> | - | morcego            |

O morcego de asas abertas se parece com uma folha pairando no ar e por essa razão é classificado como uma folha.

Fica claro que na língua Munduruku parte do sistema conceitual possui fundo metafórico e está baseado no corpo humano e suas particularidades. Porém, outra parte desse sistema origina-se de sua interação com a observação do ambiente físico pelo homem, em que alguma relevância iconográfica foi determinante como base metafórica a esse sistema conceitual. Os classificadores são como recipientes para tal sistema e, ao serem incorporados aos substantivos, estabelecem um elo metafórico, ou seja, possibilitam a compreensão de um aspecto perante outro.

Entrementes, pode-se afirmar que o elo metafórico criado pelos classificadores é, sem dúvida uma estratégia muito eficaz, remetendo ao significado através de uma construção figurativa, com o mínimo grau de ambigüidade.



## 6. A METONÍMIA E O MUNDURUKU

No caso do Munduruku pode-se perceber a migração da metáfora para a metonímia quando se dá o desenrolar de uma narração ou de um diálogo. Os termos classificados utilizados pelo falante ao ocorrer o desenrolar da narração passam a ser substituídos pelos seus sufixos classificadores, havendo uma abreviação, as quais tomam o lugar dos nomes. Como exemplo claro da migração de um termo constituído de forma metafórica para uma metonímia, cito a palavra mandioca, que em Munduruku é “**um suk ta**”. Sendo para os Mundurukus a mandioca uma semente, carrega o sufixo **-ta**, indicando sua inclusão no grupo de qualquer coisa semelhante a uma semente, ou a própria semente. Acontece que, na narração ou diálogo a primeira vez que o substantivo aparece possui a forma inteira. Depois disso, só a forma abreviada “**ta**” é utilizada, havendo a substituição do objeto pelo seu formato. Descarta-se a possibilidade de, como na língua portuguesa, querer evitar a redundância discursiva, porque não há a supressão do termo, mas sim a substituição do mesmo por outro, no caso seu classificador, que assume seu significado.

Marjorie Crofts (1985) cita que as pessoas que estão tentando aprender a língua Munduruku, muitas vezes, reclamam dizendo: “Eles sempre abreviam as palavras.” Isso é um exemplo claro do uso da metonímia, pois o classificador é usado no lugar do substantivo classificado.

Exemplifico com uma narração apresentada por Crofts (1985) na qual um falante Munduruku explica como fazem a farinha de mandioca.

Retomo que no começo de um diálogo ou de uma narração, os falantes fazem uso do substantivo classificado inteiro, que nesse caso é “**mu suk ta**” ; mandioca.

(153) **mu suk ta** bu bum ip cu cum je ku be

/ mu suk ta / bu bum / ip / cu cum / je ku be /  
/ mandioca / pegando / elas / indo / delas próprias – roça – em /  
*“Elas estão indo buscar mandioca na roça.”*

**ta** ?uk ug ip  
/ **ta** / ?uk ug / ip /  
/ mandioca / tirando / elas /  
*“Elas estão tirando a mandioca.”*

ge bu je ip **ta** du ju xe xem uk ?a kay  
/ ge bu je / ip / **ta** / du ju / xe xem / uk ?a / kay /  
/ depois / elas / mandioca / carregar / levando / casa / para /  
*“Depois elas levam a mandioca para casa.”*

wa en tuk ?a ip **ta** mōg mōg  
/ wa em / tuk ?a / ip / **ta** / mōg mōg /  
/ forno / casa / elas / mandioca / colocando /  
*“Vão colocando a mandioca na casa do forno”*

ga su ip **ta** k.:y k.:y  
/ ga su / ip / **ta** / k.:y k.:y /  
/ agora / elas / mandioca / raspando /  
*“Agora elas estão raspando a mandioca.”*

ge bu je **ta** wuy wuy ip e ?em  
/ ge bu je / **ta** / wuy wuy / ip / e ?em /  
/ depois / mandioca / lavando / elas / estão /  
*“Depois elas estão lavando a mandioca”*

**ta** wuy bu je ip **ta** de dem e em  
/ **ta** / wuy / bu je / ip / **ta** / de dem / e em /  
/ mandioca / lavar / quando / elas / mandioca / ralando / estão /  
*“Quando a mandioca está lavada, elas ralam a mandioca.”*

**ta** de dem ip e em  
/ **ta** / de dem / ip / e em /  
/ mandioca / ralando / elas / estão /  
*“Elas estão lavando a mandioca.”*

Como em outras oportunidades deste trabalho foi dito, o sistema conceitual de um povo está baseado em sua realidade cotidiana, por efeito de sua constante interação com seus ambientes físico e cultural e, a partir daí, dá-se a formação de paradigmas exclusivos, pois a formação de um paradigma apenas pode ser concebida como um ato cultural proveniente do reflexo do pensamento de um povo. Se os protótipos metafóricos e metonímicos são considerados universais, portanto aplicáveis a qualquer língua, a transposição dos mesmos para o Munduruku é possível, mas deve estar pautada no sistema conceitual particular dessa língua e de que forma são aplicados tais paradigmas, levando-se em conta todas as particularidades inerentes à cultura desse povo.

## 7. NOMES RESULTANTES DE EMPRÉSTIMOS

Os contatos interculturais com outros povos e o conhecimento de novos objetos e novas tecnologias resultaram no surgimento de novos conteúdos até então desconhecidos para o povo Munduruku. Para nomear tais conteúdos surgiu a necessidade da assimilação, ou criação, de novos vocábulos no léxico Munduruku. Tais palavras podem ser identificadas como casos claros de adaptação lingüística. Digo adaptação porque quando da remota origem da língua Munduruku, tais objetos nada significavam ou não existiam para esse povo. Devido ao contato com o colonizador europeu, surgiram novos termos acompanhando novas coisas que eram até então desconhecidas e de uma hora para outra começaram a fazer parte da vida desse povo. Conseqüentemente deveriam também fazer parte também do léxico. O interessante é que aos novos nomes foram aplicados os tradicionais paradigmas de classificação dos substantivos. Assim, dependendo da forma física dos novos objetos incorporados à cultura Munduruku, seus nomes receberam os sufixos correspondentes às suas classes.

Estes empréstimos incorporados ao léxico Munduruku não eram muito numerosos, mas com as novas tecnologias contemporâneas cada vez fazem mais parte da vida cotidiana. Esse processo tende a acentuar-se cada vez mais.

Eis alguns empréstimos encontrados:

(154)	ka pe <b>di</b>	-	café (bebida)
(155)	ri mão <b>a</b>	-	limão
(156)	ba sia <b>a</b>	-	bacia
(157)	ka ja rão <b>a</b>	-	caldeirão / panela
(158)	ra pi <b>ip</b>	-	lápiz
(159)	ra dio <b>a</b>	-	rádio
(160)	tri go <b>dot</b>	-	trigo

As adaptações realizadas transformaram as palavras originais para o seu modo de visualizar as coisas, assim recebendo afixos classificadores dentro da perspectiva icônica e morfofonêmica da língua Munduruku.

Essas novidades no léxico Munduruku ocorridas pelo contato intercultural com outros povos e pelo acesso crescente a novas tecnologias são fatos certos e que tenderão a crescer, pois a globalização deverá levar, cada vez mais, mudanças em todos os aspectos aos pontos mais remotos do planeta.

## **8. OUTRA LÍNGUA INDÍGENA CLASSIFICADORA**

Baseados na tese de doutorado de Laércio Nora Bacelar (2004), apresentamos aqui alguns exemplos de uma língua que, como em Munduruku, utiliza os classificadores nominais em seus recursos lexicais: o Kanoê. Essa língua, segundo Bacelar (2004), é falada atualmente por apenas cinco pessoas, remanescentes de tribos indígenas, de igual autodeterminação, que vivem ao sul do Estado de Rondônia.

A língua Kanoê, também referida como Kapixana, tem sido classificada como uma língua isolada (Rodrigues, 1994 e Adelaar, 1991) e, como na língua Munduruku, um complexo sistema de classificadores nominais, os quais, de acordo com os respectivos traços semânticos referenciais, agrupam nomes de coisas que apresentam alguma propriedade em comum como, por exemplo, a forma do objeto. Na explicação de Bacelar (2004), formando a estrutura morfológica dos sintagmas nominais, surgem os classificadores que são, em larga maioria, morfemas que se agregam de forma sufixal, a determinadas raízes nominais e, com isso, acrescentando-lhes alguns traços semânticos distintivos relativos a algumas propriedades físicas salientes dos objetos referenciais nomeados.

Entre os classificadores apresentados por Bacelar (2004, p. 129), podemos citar: **-kuta**, que faz referência aos objetos arredondados, em forma de bola. Ele exemplifica:

- |                            |   |                               |
|----------------------------|---|-------------------------------|
| (161) erejkwa <b>kuta</b>  | - | bola de seringa               |
| (162) mito <b>kuta</b>     | - | fruto do pariri               |
| (163) po <b>kuta</b>       | - | cabaça                        |
| (164) tsutsumo <b>kuta</b> | - | casa de cupim, cupim de terra |
| (165) i <b>kuta</b>        | - | cabeça                        |

Os nomes dos exemplos de 161 a 165 compartilham o traço semântico que faz referência ao formato de bola, ou arredondado e Bacelar (2004) conjectura a possibilidade de sua origem referencial estar relacionada ao próprio corpo humano.

O classificador, em kanoê, que se refere a coisas em forma de massa ou farinha é **-kana**.

- |                           |   |                               |
|---------------------------|---|-------------------------------|
| (166) atit <b>kana</b>    | - | farinha de milho              |
| (167) epy <b>kana</b>     | - | paçoca de castanha            |
| (168) tsuæ <b>kana</b>    | - | farinha ou massa de macaxeira |
| (169) tsurune <b>kana</b> | - | paçoca de amendoim            |

Outra particularidade dos classificadores em kanoê, da mesma forma que na língua Munduruku, assumem o valor do referente no uso subsequente do mesmo na frase.

- (170) na kani tsurune kana po ro e ko o o kana tsu kana e re  
na / kani / tsurune kana / po ro e ko / o o / kana / tsu / kana / e re  
minha / criança / paçoca de amendoim / fazer / comer / paçoca de  
amendoim / gostoso / paçoca de amendoim / estava  
*“Minha filha fez paçoca gostosa e eu comi (paçoca) gostosa”*

Outra particularidade observada por Bacelar (2004) e que alguns classificadores nominais possuem traços semânticos marcantes, enquanto em outros não se pode encontrar motivação semântica. Classificadores que possuem motivação semântica, Bacelar (2004) os chama de “transparentes” e aos que não se pode encontrar motivação semântica por estarem “fossilizados” na estrutura dos nomes, ele os chama de “opacos”, assim seguindo a mesma nomenclatura utilizada por Ullmann (1962/1977), que também seguimos neste trabalho.

Para mais informações sobre a língua kanoê, além da tese de Bacelar (2004), veja: “Aspectos Morfosintáticos da Língua Kanoê” de Cleiton dos Santos Pereira (1996), e os imprescindíveis informes do Instituto Socioambiental.

## 9- UMA LÍNGUA CLASSIFICADORA AFRICANA: O KIMBUNDU

Foram observadas até agora, no mundo, muitas línguas que também fazem uso de raízes classificadoras para estabelecer um referente, ou mesmo concordância. No continente africano, mais de 2000 línguas são faladas e, segundo a proposta de J.H. Greenberg (1966) estão divididas em quatro grandes famílias: a Afro-asiática, a Nilo-sahariana, a Khoisan e a Niger-congo, ou Congo-cordofaniana. Dentro dessa última família, temos um sub-grupo chamado “Bantu” que engloba mais de 400 línguas. Essas línguas, segundo Greenberg (1966) possuem unidade genética, levando-nos a crer numa origem comum desses povos. Provavelmente, por esse “parentesco”, a maioria dessas línguas utiliza-se de algum tipo de classificador nominal em sua constituição.

Região	Tronco	Grupo	Sub-grupo	Língua
<b>Continentes Africanos</b>	Afro-Asiático	-	-	-
	<b>Niger-Congo</b>	Mandê	-	-
		<b>Benuê-Congo</b>	<b>Bantu</b>	Lingala
				<b>Kimbundu</b>
				Etc. (+400 línguas)
	Etc.(+ sub-grupos)	-		
	Etc.(+ grupos)	-		
Nilo-Sahariano	-	-	-	
Khoisan	-	-	-	

Quadro 4: localização lingüística da língua africana Quimbundu

O Kimbundu, como se pode visualizar no quadro 4, pertence a esse grande sub-grupo chamado “Bantu” e possui um interessante sistema de categorização nominal através do uso de classificadores ou afixos de classe, chamados por Bonvini (1996) de “nominantes”. Esses classificadores nominais, ou nominantes, realizam-se da percepção, por esse povo, do mundo físico e seus aspectos significativos. Geralmente são prefixados aos substantivos, caracterizando-os e definindo suas funções sintáticas nas frases.

Segundo Bonvini (1996), que se baseia no “Estudo Gramatical do Kimbundu”, tese apresentada a ele em 1993 por J. Pedro, a língua possui 18 nominantes agrupados em 9 gêneros. Bonvini, em seu trabalho “Faits de Langues”, define como “nominantes” os afixos de classe, ou classificadores, que através de prefixos agrupam os substantivos em classes conforme o número (singular ou plural) e a forma espacial do determinado. Podemos visualizar, no quadro 5, os classificadores em Kimbundu:



	CLASSE	NOMINANTE	PREFIXO PRONOMINAL (PP)	ÍNDICE DO SUJEITO (IS)	ÍNDICE DO OBJETO (IO)	CONECTIVO	VALOR DOMINANTE	EXEMPLO
	01	mu-	u-	u-	-um-	wa	humanos	mùtù (pessoa)
	02	a-	a-	a-	-a-	a	--	àtù (pessoas)
	03	mu-	u-	u-	-u-	wa	plantas, objetos	mùxì (árvore)
	04	mi-	i-	i-	-I-	ya	--	mìxì (árvores)
	05	di-	di-	di-	-di-	dya	coletivo, corpos, líquidos, plantas	dizwì (língua)
	06	ma-	ma-	ma-	-ma-	ma	--	màzwì (línguas)
	07	ki-	ki-	ki-	-ki-	kya	objetos fabricados, inanimados	kìnú (pilão)
	08	i-	i-	i-	-I-	ya	--	inù (pilões)
	09	i- ou Ø	i-	i-	-I-	ya	animais, fenômenos naturais	hòmbò (cabra)
	10	ji-	ji-	ji-	-ji-	já	--	jihòmbò (cabras)
	11	lu-	lu-	lu-	-lu-	lwa	objetos	lùmbù (parede)
	12	ka-	ka-	ka-	-ka-	ka	diminutivo	kàmbwà (cachorrinho)
	13	tu-	tu-	tu-	-tu-	twa	--	tùmbwà (cachorrinhos)
	14	u-	u-	u-	-u-	wa	abstrato, modo	ùkàmbà (amizade)
	15	ku-	ku-	ku-	-ku-	kwa	infinitivo	kùyà (ir)
LOCATIVO	16	bu-	bu-	bu-			local definido	bùlù (no céu)
	17	ku-	ku-	ku-			para, por, entre (prep.)	kùkù (por aqui)
	18	um-	um-	um-			ao interior de algo	mùbàtà (dentro de casa)
REFLEXIVO					di-			

Quadro 5: relação dos classificadores nominais em Kimbundu.

No quadro 5, as classes ímpares correspondem aos afixos que indicam singular, os pares ao plural, embora esse emparelhamento (ímpar / par) não corresponda, em todos os casos ao gênero correspondente (singular / plural), pois existe o caso dos incontáveis e outras exceções. As colunas dividem os classificadores de acordo com as funções dos mesmos na frase, realizando a concordância sintática.

Seguem alguns exemplos da variação prefixal que ocorre segundo a função sintática da palavra e seu referente espacial:

#### 9.1 Seres humanos: **mu-**

(171) **mukaji wamì**  
/ mu – kaji / wa – mi /  
/ esposa (1) / de mim (1)/  
“Minha esposa”

(172) **mubika wamì**  
/ mu – bika / wa – mi /  
/ escravo (1) / de mim (1)/  
“Meu escravo”

O mesmo nominante no plural:

(173) **abika amì**  
/ a – bika / a – mi /  
/ escravos (2) / de mim (2)/  
“Meus escravos”

9.2 Objetos fabricados (manufaturados): **ki-**

(174) **kialu kiami**

/ ki – alu / kia – mi /

/ cadeira (7) / de mim (7)/

“Minha cadeira”

O mesmo nominante no plural:

(175) **ialu yami**

/ i – alu / ya – mi /

/ cadeiras (8) / de mim (8)/

“Minhas cadeiras”

9.3 Diminutivo: **ka-**

(176) **kambua kami**

/ ka – mbua / ka – mi /

/ cachorrinho (12) / de mim (12)/

“Meu cachorrinho”

O mesmo nominante no plural:

(177) **tumbua twami**

/ tu – mbua / twa – mi /

/ cachorrinho (13) / de mim (13)/

“Meus cachorrinhos”

## 10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aceitando-se que a cultura de um povo desenvolve-se a partir da visão que o mesmo possui do mundo que o cerca e que a língua é o reflexo dessa cultura, qualquer trabalho analítico ou interpretativo acerca dessa língua deve ter como pilar a forma de pensar exclusivamente desse povo. Conclusões que não levem em conta que a língua trata-se de uma ferramenta funcional diária ajustada ao cotidiano de seus usuários, muitas vezes chegarão a veredictos inexatos ou a meras tentativas de ajustamentos teóricos que em nada refletem a verdadeira essência pragmática da situação.

Essa interinfluência peculiar a cada povo entre a forma de agir, construir seu pensamento e expressá-lo, criou, no caso da nação Munduruku, uma peculiar divisão do mundo em categorias estabelecidas conforme a forma física dos objetos existentes em seu cotidiano. Essas categorias são representadas, no discurso, por afixos dispostos nos vocábulos do léxico Munduruku que, por sua função, recebem o nome de sufixos classificadores.

Mesmo sem a anuência unânime, pode se afirmar que todos os classificadores possuem carga metafórica e com isso conduzem o alocutário à imediata sensibilização de particularidades específicas do significado. Perante isso, se evidencia que os signos lingüísticos criados por essas conexões que o povo Munduruku faz uso em sua língua são funcionais e eficazes, dinamizando sobremaneira a comunicação.

Existe um acrescentamento no sentido original do lexema, surgindo um “novo” significado produzido pelo acréscimo do classificador. Esse novo significado surge pela ação da carga semântica que o afixo possui. Ocorre assim, para se chegar a um novo conceito, um intercâmbio de significados entre referentes. Daí surge a nossa afirmação da origem metafórica dos classificadores da língua Munduruku, pois o ato da criação de significado através da transferência dos aspectos do significado de um indivíduo semiótico para outro termo é o fundamento básico da metáfora.

Outra constatação feita é que, embora da afirmação por estudiosos já citados anteriormente de que o corpo humano surge como principal fonte metafórica na expressão oral do homem, na língua Munduruku não se aplica integralmente essa premissa, pois, apesar de importante, o corpo humano não prepondera como fonte de metaforização para a criação e significação dos classificadores. Observei apenas cinco classificadores que possuem fonte metafórica humana, havendo mais três classificadores que poderiam ser enquadrados da mesma forma. Porém a língua Munduruku possui, segundo Crofts, possui quarenta classificadores incorporados aos substantivos conforme a forma física que definem. Podemos afirmar, portanto, que a maioria dos classificadores não tem o corpo humano como origem do significado, mas sim algum elemento natural observado pelo homem que, por alguma relevância iconográfica foi determinante como base referencial na construção de seu discurso.

Mais uma observação importante é o uso da metonímia no discurso Munduruku. Quando se dá o desenrolar de uma narrativa, ou diálogo, o interlocutor pronuncia a primeira vez o substantivo classificado, sendo que em todas as vezes subsequentes o falante apenas dirá sua raiz classificadora no lugar do nome. Essa substituição do substantivo pela raiz classificadora é uma clara migração da metáfora para a metonímia.

## 11. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABRALIN, Associação Brasileira de Lingüística. *Atualização Fonética da Proeminência Acentual em Baniwa-Hohodene: Parâmetros Físicos*. In: **1º Congresso Internacional de Lingüística da ABRALIN**. Salvador: Anais, 1997. Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/abralin/fale.htm>> Acesso em 03 mar. 2005.

ADELAAR, Willem. *The Endangered Languages Problem: South America*. In: Robins, R. H. and E. M. Uhlenbeck (eds.) **Endangered Languages**. Oxford: Berg, 1991, p. 45-92.

ALLAN, Keith. *Classifiers*. In: \_\_\_\_\_. **Language**. Baltimore, 1977, p. 285-311.

ANGOTTI, Mary Lourdes de Oliveira. **A Causatividade em Munduruku: Aspectos Morfosintáticos**. Brasília: UNB, 1997. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília.

ARNAUD, Expedito. *Os Índios Munduruku e o Serviço de Proteção aos Índios*. In: **O Índio e a Expansão Nacional**. Belém: Cejup, p.203-62. Publicado originalmente no boletim do MPEG, Antropologia, Belém, n.s., n. 54, dez 1974.

BACELAR, Laércio Nora. **Gramática da língua kanoê: descrição gramatical de uma língua isolada e ameaçada de extinção, falada ao sul do Estado de Rondônia, Brasil**. Nijmegen: Katholieke Universiteit Nijmegen, Netherlands, 2004. 326 p. Tese de Doutorado.

BENVENISTE, E. *Natureza do Signo Lingüístico*. In: \_\_\_\_\_. **Problemas de Lingüística Geral I**. Campinas: Pontes, 1991 [1966].

\_\_\_\_\_. **Problemas de Lingüística Geral II**. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas: Ed. Pontes, 1989.

BERTRAN, Antonio Palmies. **Modelos icónicos y archimetáforas: algunos problemas metalingüísticos en el ámbito de la fraseología**. Granada: Universidad de Granada, España, 2000.

BLACK, Max. **Modelos y Metáforas**. Trad. de Zavala, V.S. Madrid: Editorial Tecnos, España, 1961.

BOUQUIAUX, L.; THOMAS, J.M.C. **Enquête et Description des Langues à Tradition Orale**. Paris: SELAF, 1971. 950 p.

BONVINI, E. *Faits de Langues: L'accord*. **Revue de Linguistique n. 8**. Paris: Editions Ophrys, 1996.

\_\_\_\_\_. **Prédication et Énociation em Kàssim**. Paris: Editions du CNRS, 1988. 199 p.

BRÉAL, Michel. **Ensaio de Semântica**. Trad. Eduardo Guimarães. São Paulo: Educ/Pontes, 1992.

BURUM, Martinho. **Ajojyu'um'ekawen: Lendas Munduruku**. Brasília: Summer Institute of Linguistics SIL, 1980. 3 v.

CAMPOS, Flávio; MIRANDA, Renan Garcia. *Cabanagem*. In: \_\_\_\_\_. **A Escrita da História**. São Paulo. Editora Escala, 2005, p. 350-352.

CRAIG, Colette Grinevald. **Noun, Classes and Categorization**. Amsterdam: Philadelphia. Ed John Benjamins, 1986.

CREISSELS, D. **Aperçu sur lês Structures Phonologiques dès Langues Negrofriçaines**. Grenoble: ELLUG, 1989. 287 p.

CROFTS, Marjorie. **Gramática Munduruku**. Trad. Mary L. Daniel. Série Lingüística n 2. Brasília: Summer Institute of Linguistics SIL, 1973.

\_\_\_\_\_. **Aspectos da Língua Munduruku**. Brasília: Publicação do Summer Institute of Linguistics. SIL, 1985.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **História do Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal da Cultura, Fapesp, 1992.

FERRAREZI, Celso J. **Nas Águas dos Itenês**. Campinas: UNICAMP, 1997. Dissertação de Mestrado. IEL da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

FERREIRA NETTO, Waldemar. **Introdução à Fonologia da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Hedra, 2001.

FUNAI. Fundação Nacional do Índio. Disponível em: <http://www.funai.gov.br>  
Acesso em 05 agosto. 2005 e outros.

FOCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Editora Loyola, 1995.

FREGE, G. **Lógica e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Cultrix, USP, 1978.

GIVÓN, Talmy. **Markedness in Grammar: Distributional, Communicative and Cognitive Correlates of Syntatic Structure**. Oregon: University of Oregon, 1990.

GOMES, Dionei Moreira. **Estudo Morfológico e Sintático da língua Munduruku (Tupi)**. Brasília: UNB, 2006. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília.

GONÇALVES, Cristina Helena Rohwedder Cômodo. **Concordância em Munduruku**. Campinas: Editora da Unicamp. Série Línguas Indígenas, 1987. 70p.

GREENBERG, J. H. **The Language of Africa**. 2d ed. Bloomington: Indiana University, Mouton, 1966. 180p.

GREENFIELD, Gerald Michael. *O Comportamento dos Migrantes e as Atitudes das Elites durante a Grande Seca de 1887-1878*. **Cadernos de Estudos Sociais**, v.5, n.2. Fund. Joaquim Nabuco, Editora Massangana, MEC, 1989.

GREIMAS, A. J. **Semântica Estrutural: Pesquisa de Método**. Trad. Haqira Osakabe e Izidoro Blinkstein. São Paulo: Ed. Cultrix, USP São Paulo, 1970.

\_\_\_\_\_.; COURTÉS J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1979.

GUTHRIE, M. **The Classification of The Bantu Languages**. London: Dawson of Pall Mall, 1948.

HEGENBERG, Leônidas. **Definições: Termos Teóricos e Significado**. São Paulo: Editora Cultrix, USP, 1974.

HEINE B.; NURSE D. **African Languages: An Introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

HEINE B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. **Grammaticalization: A Conceptual Framework**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOUIS, M. **Anthropologie Linguistique de L'Afrique Noire**. Paris: PUF, 1971. 232 p.

LAKOFF, George.; JOHNSON, Mark. **Metáforas de La Vida Cotidiana**. Título original: *Metaphors We Live By*. Trad. Carmen Gonzáles Marin. Espanha: Ediciones Cátedra, 1980.

LEOPOLDI, José Sávio. **Brazilian Amerindian Contact: The Mundurucu Case**. Oxford: University of Oxford, 1979. 240p. Dissertação de Mestrado. Existe uma tradução disponível no Cimi-Norte com o título "O Contato do Índio Brasileiro: O Caso Munduruku".

LINDBLOM, Bjorn. *Phonetic Universals*. In: *Vowel Systems*. In: J.J. Ohala and J.J. Jaeger (eds.) **Experimental Phonology**. Orlando: Orlando Academic Press, 1986.



LOBATO, L.M.P. **A Semântica na Lingüística Moderna: o Léxico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

LOUKOTKA, Cestmir. **Classification of South American Indians Languages**. Los Angeles: Latin American Center, University of California, 1968.

MARTIUS, Karl Friedrich Philipp. **Beitrag zur Ethnographi eUnd Sprachenkunde Amerika's Zumal Brasiliens**. Contribuição para a etnografia lingüística da América, especialmente do Brasil. 2V. Leipzig: F. Fleisher, 1876.

MADERUELO, Rafael Diaz. *La Región entre Los Rios Tapajoz y Madeira*. In: \_\_\_\_\_. **Los Índios de Brasil**. Madrid: Alhambra, 1986, p. 110-119.

MCQUOWN, Norman A. **Indigenous Languages of Latin America**. American Anthropologist. Chicago: University of Chicago, 1955.

MELEGA, Roberta Pelella. **A Margem das Culturas: Um Estudo de Casos de Índios Brasileiros Marginais**. São Paulo: USP, 2001. 203 p. Dissertação de Mestrado.

MENENDES, Miguel. *A Área Madeira-Tapajós: Situação de Contato e Relações entre Colonizador e Indígena*. In: CUNHA, Manuel Carneiro da (Org.). **História do Índios do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p 281-96.

MENGET, Patrick. *Notas sobre as Cabeças Munduruku*. In: VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; CUNHA, Manuela Carneiro da, (orgs.). **Amazônia: Etnologia e História Indígena**. São Paulo: USP-NHII, Fapesp, 1993, p. 311-22 (estudos).

MOUILLAND, M.; PORTO, S. D. (Org.). **O Jornal: da Forma ao Sentido**. Trad. Sérgio Grossi Porto. Brasília: Paralelo 15, 1997.

MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de Índio**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Callis, 2000.

\_\_\_\_\_. **Histórias de Índios**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997. 72p.

MUNDURUKU, **Firmes na Luta**. 1998. Disponível em: <http://media.supereva.it/mansageiro.freeweb/n114/munduruk.htm> Acesso em 16 out. 2006.

MURPHY, Robert F. **Headhunter's Heritage: Social and Economic Change Among the Mundurucu Indians**. Berkeley: University of Califórnia Press, 1960.

NUNES, Patrícia Vieira. **Princípio Icônico e Tratamento Lexicográfico: Aplicação aos Nomes da Língua Munduruku**. Brasília: UNB, 2000. Dissertação de Mestrado.

OGDEN, C. K.; RICHARDS, I. A. **O Significado do Significado: Um Estudo da Influência da Linguagem sobre o Pensamento e Sobre a Ciência do Simbolismo.** Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

PEREIRA, Cleiton dos Santos. *Aspectos morfossintáticos da língua Kanoê.* **Signótica: Revista do Mestrado em Letras e Linguística**, Goiânia : UFGO, n.8, 1996, p. 45-55.

PICA, Pierre. **La Crystallization de Nombres.** Paris: CNSS, Sources Phototheque, 2002.

PICANÇO, Gessiani Lobato. **Munduruku: Phonetics, Phonology, Synchrony, Diachrony.** The University of British Columbia, 2005. Tese de Doutorado.

PINTO, M. J. *Semiologia e Imagens.* In: BRAGA J. L.; PORTO S. D.; NETO A. N. F. (org.). **A Encenação dos Sentidos-Mídia, Cultura e Política.** Rio de Janeiro: Editora Diadorim, 1995. p. 141-147.

POSEY, D.A. *Etnobiologia: Teoria e Prática.* In: **Suma Etnológica Brasileira**, 1984. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Petrópolis: Darcy Ribeiro (ed.) et alii, 1987.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro.** São Paulo: Cia. das Letras. 1995.

RICHARDS I.A. **The Philosophy of Rethoric.** Oxford. 1936. (O autor citado não informa a editora em sua referência à obra).

RODRIGUES, Aryon D. *Tupi-Guarani e Munduruku: Evidências lexicais e fonológicas de parentesco genético.* In: \_\_\_\_\_. **Estudos Lingüísticos III.** Campinas: Unicamp, 1980, p. 194-209.

\_\_\_\_\_. **Línguas Brasileiras: Para o Conhecimento das Línguas Indígenas.** São Paulo: Editora Loyola, 1994.

SÂNDALO, Maria Filomena Spatti. **Aspectos da língua Pirahã e a noção de polifonia.** Campinas: UNICAMP, 1989. Dissertação de Mestrado. IEL-UNICAMP. 1989.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística geral.** Org. Charles Bally e Albert Sechehayé. São Paulo: Ed. Cultrix USP, 1970 [1916].

SOCIOAMBIENTAL, Instituto. **Índios do Brasil.** Entidade sem fins lucrativos que visa propor soluções de maneira integrada a questões sociais e ambientais, 2005. Disponível em: <<http://www.socioambiental.org>> Acesso em 22 out. 2005 e outros.

\_\_\_\_\_. Povo Munduruku. **Povos Indígenas do Brasil.** Disponível em: <<http://www.socioambiental.org/pib/epi/Munduruku/ind.shtm>> Acesso em 07 nov. 2005.

TADDONI PETTER, M.M. & BONVINI, E. *Portugais du Brésil et Langues Africaines*. In: **Langages**. Revue trimestrielle v. 130. Larousse, 1998.

TOCANTINS, Antônio Manuel Gonçalves. **Estudos sobre a Tribu Munduruku**. Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil. Rio de Janeiro: Garnier, 1877.

TOVAR, Antonio. **Catalogo de las Lenguas de America del Sur: enumeración con indicaciones tipológicas, bibliograficas y mapas**. Buenos Aires: Editora Sudamericana, 1961.

ULLMANN Stephen. **Semântica: Uma Introdução à Ciência do Significado**. Trad. J.A. Osório Mateus. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977 [1962].

WELMERS, W.E. **African Languages Structures**. Los Angeles: Berkeley, University of California Press, 1973, 488 p.

WESTERMANN, D.; BRYAN, M.A. **The Languages of West Africa with a supplementary bibliography**. Compiled by D.W. Arnott. Folkestone & London: Dawsons of Pall Mall, International African Institute, 1970. 277 p.

WHATELY, Richard. **Elements of Rhetoric**. 7ª edição. Londres: (O autor citado não informa a editora em sua referência à obra), 1846.

WIERZBICKA, Anna. **Semantics: Primes and Universals**. Oxford / New York: Oxford University Press, 1996.